



INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SANTARÉM



Brincadeiras de Recreio entre meninos e meninas- Perspetivas de Docentes no 1º Ciclo e Educação Pré-Escolar

**Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre na Especialidade
Profissional de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico**

Sofia Chagas

Orientação

Professora Marta Uva

maio de 2017

Agradecimentos

Quero agradecer aos meus pais por todo o apoio dado durante toda esta minha etapa, pois sem eles nada disto teria sido possível.

Quero deixar um agradecimento muito especial aos meus filhos, que abdicaram de algum tempo com a mãe para que este percurso se realizasse.

Quero agradecer à Vanessa por ter estado comigo durante todo o tempo do mestrado, por me ter apoiado incondicionalmente, e por me ter acompanhado em todos os estágios sendo ela o meu principal pilar durante os mesmos.

Quero também agradecer às minhas colegas Marta e Beatriz por todo o apoio prestado.

Quero também agradecer a todos os docentes que colaboraram comigo na elaboração deste relatório.

Por fim quero agradecer à minha orientadora Marta Uva por toda a disponibilidade e apoio prestado durante a realização do presente relatório.

Muito obrigada a todos.

Resumo

O presente relatório de estágio estrutura-se em duas partes distintas, ainda que complementares.

A primeira parte é relativa aos estágios curriculares em creche, jardim de infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os contextos são apresentados como um resumo do trabalho desenvolvido ao longo dos três semestres. São simultaneamente descritas as aprendizagens realizadas no decorrer dos estágios que se mostraram fundamentais para o meu percurso. Para terminar este capítulo é feita uma reflexão de todo o meu percurso profissional, bem como o meu percurso investigativo.

Na segunda parte é apresentado um exercício investigativo cujo objetivo é perceber se na perspetiva dos docentes existem diferenças nas brincadeiras realizadas pelos meninos e meninas. O estudo é de natureza qualitativa e assenta na realização de entrevistas semiestruturadas, que permitiram recolher informações sobre a perspetiva dos docentes nas brincadeiras realizadas pelas crianças no tempo que passam no recreio. Bem como as estratégias que os mesmos utilizam de forma a não fazer diferenciação de género, nas suas atividades.

No final do relatório partilho uma pequena reflexão sobre o percurso académico ao longo dos três semestres correspondentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Palavras-Chave: Brincadeiras, Género, Recreio, prática educativa

Abstract

This traineeship report is structured in two distinct, yet complementary, parts.

The first part is related to the curricular stages in kindergarten, kindergarten and 1st Cycle of Basic Education. The contexts are presented as a summary of the work developed over the three semesters. They are simultaneously described the learning that took place during the stages that were fundamental to my course. To conclude this chapter, I reflect on my entire professional career, as well as my research career.

In the second part is presented an investigative exercise whose objective is to understand if in the perspective of teachers there are differences in the games played by boys and girls. The study is of a qualitative nature and is based on semi structured interviews, which allowed to gather information about the teachers 'perspective on the children' s play in the time they spend in the playground. As well as the strategies they use so as not to make gender differentiation in their activities.

At the end of the report I share a small reflection on the academic course during the three semesters corresponding to the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education.

Keywords: Play, Gender, Playground, educational practice

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo.....	iii
Abstract	iv
Índice de Figuras.....	vii
Índice de Quadros.....	viii
Índice de Anexos.....	ix
Introdução.....	1
Parte I – O Estágio.....	2
1. Contextos de estágio.....	2
2. Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância-Jardim de Infância.....	2
1.1.2 - Caracterização do Grupo de Crianças.....	3
1.1.3 Projeto da Educadora	4
1.1.4 Projeto desenvolvido.....	5
1.1.5 Atividades desenvolvidas	6
1.1.6 Reflexão	9
1.2 Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo- 1.º e 2.º anos.....	14
1.3 Caracterização do Ambiente Educativo.....	14
1.3.2 Caracterização da turma	15
1.3.3 Projeto Educativo	16
1.3.4 Projeto de intervenção desenvolvido.....	16
1.3.5 Atividades desenvolvidas	18
1.3.6 Reflexão	20
1.4 Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância- Creche.....	23
1.3.1 Caracterização do ambiente Educativo.....	23
1.4.2 Caracterização do Grupo de crianças.....	24
1.4.3 Projeto Educativo	24
1.4.4 Projeto desenvolvido.....	25
1.4.5 Reflexão	27
1.5 Prática de Ensino supervisionada 1.º ciclo- 3.º e 4.º anos.....	30

1.5.2	Caracterização do Ambiente Educativo	30
1.5.3	Caracterização da turma	31
1.5.4	Projeto Educativo	32
1.5.5	Projeto desenvolvido.....	32
1.5.6	Atividades desenvolvidas	33
1.5.7	Reflexão	35
2.	Percurso de Desenvolvimento Profissional.....	43
3.	Percurso Investigativo.....	46
	Parte II- Questão de Pesquisa	47
1.	Definição da questão de pesquisa.....	47
1.1	Objetivo principal	47
1.2	Sujeitos do estudo/participantes.....	48
2.	Enquadramento teórico.....	52
2.1	Diferença entre género e sexo	52
2.2	De que falamos quando falamos em igualdade de género.....	53
2.3	Género em ambiente escolar.....	54
2.4	O recreio	55
2.5	A importância do brincar	56
3.	Instrumentos de recolha de dados.....	58
4.	Análise de dados e principais conclusões.....	59
5.	Apresentação e análise dos dados.....	60
5.1.	Análise das respostas dos Docentes de 1.º Ciclo.....	60
5.2	Análise das respostas dos Docentes do Pré-Escolar	63
5.3-	Síntese Comparativa dos resultados	65
6.	Considerações finais	66
	Bibliografia	68
	Anexos	70
	Anexo 1- Guião das Entrevistas	71
	Anexo 2- Quadro de Análise de Respostas.....	74
	Anexo 3- Quadro das Categorias	78

Índice de Figuras

Figura 1- Atividade Flutua e Não Flutua

Figura 2- Atividade Pintar Como Pollock

Figura 3- Atividade da área Curricular de Matemática

Figura 4- Atividade de Educação para a Cidadania

Figura 5- Movimento Criativo26

Figura 6- Massa de cores- Cor de Laranja

Índice de Quadros

Tabela 1- Caracterização do grupo de pré-escolar

Tabela 2- Caracterização da turma de 1.º Ciclo- 2.º ano

Tabela 3- Caracterização do Grupo

Tabela 1- Caracterização da turma do 1.º Ciclo- 3.º e 4.º Anos

Tabela 5- *Quadro da Estrutura do Guião de entrevistas aos Docentes*

Índice de Anexos

Anexo1- Guião das Entrevistas

Anexo 2- Quadro das respostas

Anexo 3- Quadro de Categorias

Introdução

O presente relatório de estágio é o resultado do trabalho desenvolvido ao longo de três semestres integrados no Mestrado em Educação Pré-escolar e ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este trabalho está dividido em duas partes, em que a primeira parte do mesmo corresponde à apresentação dos quatro estágios curriculares, decorridos em contexto de Creche, Jardim de Infância e 1.º ciclo do Ensino Básico. Na apresentação destes estará também a apresentação dos projetos desenvolvidos ao longo dos períodos de estágio.

Ainda na primeira parte, apresento o meu percurso de desenvolvimento profissional, expondo as minhas dificuldades e os pontos que considero positivos segundo os estágios que realizei. Posteriormente, mas ainda nesta primeira parte, apresento um pouco o meu percurso investigativo ao longo dos três semestres, que culminou na minha questão de pesquisa.

A segunda parte deste relatório é dedicada ao trabalho de pesquisa, onde apresento em primeiro lugar a questão-problema: “Qual a perspetiva de docentes do 1.º Ciclo e Educação Pré-Escolar sobre as brincadeiras realizadas pelos meninos e meninas no recreio?”, seguindo-se os objetivos principais da mesma, os sujeitos envolvidos no estudo e a metodologia utilizada. Posteriormente será apresentada a fundamentação teórica onde falo das questões de género, reflito sobre o conceito de género e sexo e faço também uma referência à importância do brincar para o desenvolvimento da criança. No decorrer deste exercício foi opção trabalhar o tema do género, por ser um tema muito interessante e muito rico, o conceito de género é um conceito mais social que nos remete para as diferenças que não sejam de carácter biológico, mas que resultam de um processo de socialização. Assim o conceito de género descreve o conjunto de qualidades e de comportamentos que são esperados pela sociedade, nas atitudes dos homens e das mulheres, formando deste modo a sua identidade social.

No que diz respeito à importância do brincar, podemos afirmar que é através das brincadeiras que as crianças se definem como seres e muitas vezes desenvolvem a sua autonomia e confiança

Seguidamente apresento a análise de dados e as principais conclusões.

Por fim apresento uma reflexão final, onde faço um balanço de todo o percurso académico.

Parte I – O Estágio

1. Contextos de estágio

Os Estágios curriculares realizados no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, decorreram durante os anos letivos 2014/2015 e 2015/2016, no Conselho de Santarém e foram realizados em díade.

2. Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância-Jardim de Infância

1,1,1 Caracterização do Ambiente Educativo

A prática de ensino supervisionada em pré-escolar ocorreu entre 24 de outubro a 19 de dezembro de 2014 este foi realizado numa instituição particular de solidariedade social. A instituição encontrava-se integrada num complexo agrário vocacionado para a investigação pecuária, estando integrada no ambiente natural, onde a natureza viva, a paisagem natural e os animais nos seus habitats são uma realidade constante. A população do meio envolvente caracterizava-se por uma grande diversidade cultural e económica.

Nesta instituição existem três valências: Creche, Pré-escolar e a C.A.T.L.

Inicialmente, apenas existiam as valências de Creche e Pré-escolar. Mais, tarde surgiu a necessidade de criação de um espaço para apoiar os filhos dos trabalhadores que frequentavam o 1º ciclo, que já tinham frequentado uma das duas valências. Assim, surgiu a terceira valência, o C.A.T.L.

A valência de Pré-escolar encontrava-se num edifício antigo, mas remodelado, apresentando as condições necessárias às crianças que o frequentam.

A presença das crianças nesta valência ocorria quando estas têm entre 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico sendo, no entanto facultativa, já que cabe à família de cada criança a educação dos mesmos, cabendo ao Estado a universalização do pré-escolar.

O Pré-escolar era constituído por 1 refeitório, 3 salas com capacidade para 25 crianças cada e 2 salas com capacidade para 22 crianças cada, cada uma com casa de banho e zona de cabides.

O edifício dispunha ainda de uma vasta área exterior para as crianças se divertirem e aprenderem, através das suas brincadeiras, podendo ir por vezes visitar animais e dar-lhes de comer, e ainda de um recreio com bastante espaço na extremidade do edifício onde as crianças normalmente faziam brincadeiras com os outros grupos das diferentes salas.

No que se refere ao pessoal docente e não docente, aquando da realização do meu estágio fazia parte da instituição uma equipa de trabalho constituída por 8 educadoras de infância incluindo a coordenadora pedagógica, 11 assistentes operacionais, 5 assistentes técnicas, pais/família e outros intervenientes necessários

A instituição apresentava um horário de funcionamento das 8h às 19h e encontrava-se com a porta fechada a partir das 10h (após o acolhimento e receção das crianças) e reabria às 16.30h para a entrega das mesmas.

1.1.2 - Caracterização do Grupo de Crianças

Este estágio foi realizado com um grupo de 19 crianças, todas com 4 anos, conforme se verifica na tabela 1.

Número de Crianças	19 Crianças
Idades	4 anos
Género	12 Meninas 7 Meninos
Alunos com NEE	1 Criança

Tabela 1- Caracterização do grupo de pré-escolar

O aluno com necessidades educativas especiais apresentava uma característica especial, tendo Síndrome de Dandy Walker¹, necessitando da assistente operacional consigo a tempo inteiro, devido à sua pouca mobilidade e a toda a sua estrutura corporal.

No que diz respeito ao meio residencial das crianças, maioritariamente residiam na cidade de Santarém ou no concelho, e apenas uma minoria morava na zona rural, perto da instituição.

Nesta idade – dos 3 aos 5 anos – as crianças evidenciam várias características que nos ajudam, enquanto professoras e educadoras, a orientar melhor a nossa prática. Para tal evidenciámos algumas características que consideramos relevantes sobre este grupo. Dos 3 aos 4 anos, a criança é capaz de realizar atividades motoras cada vez mais complexas - consegue vestir-se sozinha, atar os sapatos, lavar os dentes, saltar à corda e

¹ A Síndrome de Dandy Walker é uma anomalia congénita do cerebelo e do IV ventrículo, que geralmente aparece na infância. A sua característica comum é a hidrocefalia e, na maioria dos casos, a causa é desconhecida.

jogar à bola -, contudo, os avanços mais significativos produzem-se ao nível psicológico, tendo na curiosidade a sua principal ferramenta. Aos 4 anos, as crianças começam a questionar-se com o “Porquê?” das coisas que as rodeiam e até encontrarem respostas, repetem constantemente esta questão. A criança recorre frequentemente a esta questão, pois como o seu processo de aprendizagem baseia-se na utilização da memória, consegue, apenas, adquirir conhecimentos se lhes repetirem várias vezes o que lhes ensinaram. Esta idade (4 anos) é também marcada por uma forte capacidade imaginativa, o que faz com que seja indiferente à criança que que lhes respondam com lógica ou que lhes deem uma resposta irreal, sendo que depois, conforme a resposta que o adulto lhes der, seja capaz de adaptar a fantasia às necessidades de cada momento, pois tem uma enorme capacidade para criar histórias.

Como tal, e não fugindo às características apresentadas, o grupo de crianças com o qual nos encontramos, demonstra ser um grupo bastante atento, curioso, criativo, dinâmico e carinhoso para com os outros. Notámos esta especial característica quando, em momentos de manta ou de brincadeira livre, essencialmente, acarinhavam bastante o amigo com necessidades educativas especiais, brincando e estando atento às necessidades desta criança.

O grupo empenhava-se bastante no decorrer das atividades, tanto dinamizadas por nós – educadoras estagiárias – como pela própria educadora, não existindo muita discrepância no foco de atenção das crianças, permitindo assim uma dinamização das atividades bastante interativa e eficaz.

1.1.3 Projeto da Educadora

O tema de todo o projeto da educadora era *Saúde e Bem-estar*, pois estando num contexto rural, fazia todo o sentido que se trabalhasse esta temática, *na medida em que* por estar localizada num meio rural com características agrícolas, todas as crianças desfrutavam de um ambiente natural repleto de plantas e vários tipos de árvores, assim como espaços verdes que podiam ser usufruídos pelas crianças da instituição.

Desta maneira, a educadora pretendia ir ao encontro do que se trabalhava nas Orientações Curriculares, focando-se no que as crianças poderiam aprender com tudo o que aquele ambiente rural lhes oferecia, como a alimentação saudável, o contacto com os diversos animais da quinta, as brincadeiras em espaços verdes, promovendo valores como a partilha, o cuidar, a relação com a natureza, entre outros. Assim, todas estas competências iam se formando através de atividades pedagógicas que iam a este encontro.

Temos a título de exemplo, quando as crianças traziam fruta de casa e partilhavam com os seus amigos, quando iam à horta tratar das alfaces da sala, ou contar histórias para junto da árvore adotada da sala (oliveira).

1.1.4 Projeto desenvolvido

O nosso tema do projeto de intervenção intitulou-se com a questão “Como nos relacionamos com o mundo que nos rodeia?” abordando assim os 5 sentidos – visão, olfato, audição, paladar e tato.

Para desenvolver o nosso projeto de intervenção, considerámos importante realizar uma reflexão muito sucinta, em conjunto com a educadora cooperante, para conhecer quais os interesses do grupo de crianças, quais os temas que a educadora pretendia que nós (par de estágio) desenvolvêssemos, quais os temas pelos quais a instituição se regia, entre outros. Assim, e tentando chegar a um consenso de todas as informações que fomos recolhendo, optámos por seguir o caminho dos 5 sentidos, ou seja, criar um tema para o nosso projeto de intervenção que conseguisse culminar o tema dos “5 Sentidos” e atividades diversificadas e dinâmicas. Posto isto e após várias tentativas de formulação de um tema que conseguisse dar resposta às nossas ambições para este estágio, tais como:

Criar atividades lúdicas e dinâmicas; aplicar atividades diversificadas; promover novas aprendizagens às crianças; desenvolver momentos lúdicos e divertidos que promovam competências socio-afetivas; promover a relação estagiária-criança.

Segundo as OCEPE (1997:18) a educação pré-escolar pretende “Estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, desenvolvimento que implica favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas.” E segundo esta perspetiva a criança tem um papel ativo na interação com o meio que a rodeia, fornecendo-lhe condições favoráveis para que se desenvolva e aprenda. Assim, a aprendizagem e a promoção do desenvolvimento dos 5 sentidos na infância é crucial, ainda mais por estarmos, atualmente, numa época muito computadorizada na qual as crianças cada vez menos pretendem utilizar o seu corpo e as sensações que este lhes provoca para sentir e descobrir tudo à sua volta. Desta forma, e para conseguirmos articular as nossas ambições com um tema de projeto de intervenção que conseguisse responder às nossas ambições e desejos, concluímos que seria uma boa escolha a questão “Como nos relacionamos com o mundo que nos rodeia?”, na medida em que assim promovemos as capacidades sensoriais (visão, audição, olfato, paladar e tato) das crianças, dando a

conhecer quais serão essas capacidades e aplicando atividades para o desenvolvimento e aplicação das mesmas.

1.1.5 Atividades desenvolvidas

Estas atividades foram escolhidas, pois representam os momentos mais significativos no decorrer da prática.

1.1.5.1- Atividade experimental- Flutua ou não flutua

Para a realização desta atividade foram definidos os seguintes objetivos:

Pretendemos que a criança:

- Questione para obter informação sobre algo que lhe interesse;
- Faça perguntas e responda, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente;
- Descreva pessoas, objetos e ações;
- Alargue o seu campo lexical;
- Utilize rigor científico na experiência;
- Observe os dados e interprete os resultados;
- Perceba que um objeto flutua na água quando não vai ao fundo;
- Entenda que a flutuação em água depende dos objetos em causa;
- Compreenda que objetos com formas idênticas podem flutuar na água e outros não;
- Descubra que um objeto que não flutua pode ser moldado e passar a flutuar.

Esta atividade irá concretizou-se na parte exterior do infantário, na sequência de um passeio na quinta do CES Fonte Boa que teve como um dos efeitos, introduzir os conceitos “flutuar” e “afundar”

Para dar início ao conto, as crianças estavam sentadas a comer a sua peça de fruta, como já é habitual neste período da manhã, e a estagiária começou a contar a história “O Porco Toleirão”.

No final, concluímos a leitura, conversando com o grupo de crianças, para verificar se perceberam o que lhes foi contado.

Posteriormente, as crianças passearam pela quinta, recolhendo objetos que usaram na atividade experimental que se concretizou no período da tarde.

No decorrer da atividade iniciada no período da manhã, as crianças concretizaram uma atividade experimental sobre alguns objetos que afundam e outros que flutuam, sendo que

estes conceitos já foram trabalhados, muito sucintamente, no período da manhã com a história “O Porco Toleirão”

Assim, as crianças reuniram-se à volta da mesa de trabalho para realizar a atividade.

Esta atividade foi concretizada em grande grupo para que todas as crianças tivessem oportunidade de participar.

As crianças foram sentadas em roda em que no topo da roda estava um aquário com água e alguns dos objetos recolhidos no exterior e na sala de aulas. As crianças dirigiram-se ao aquário uma a uma e antes de colocarem o objeto dentro do aquário tinham de dizer se achavam que o objeto afundava ou flutuava, colocando posteriormente o objeto dentro do mesmo e verificando se a sua previsão estava correta ou não.

Para registar os dados observados, cada criança teve na sua posse uma folha de registo em forma de aquário para colocar os objetos que flutuam e os que afundam, de modo a que seja perceptível. Para este efeito, foram distribuídos cartões em branco para que as crianças desenhassem os objetos em questão para depois colocar no aquário de papel.

Como conclusão a esta atividade, distribuímos barcos de papel às crianças para explorarem livremente.

Com esta atividade conseguimos perceber que as crianças conseguiram entender que alguns objetos flutuam e outros não, pois nos dias seguintes muitas das crianças traziam objetos para colocar dentro da caixa, que ficou na sala por mais uns dias, de forma a ver se o objeto flutuava ou não.



Figura 1- Atividade Flutua e Não Flutua

1.1.5.2- Pintar como o Pollock

Para a concretização desta atividade foram definidos os seguintes objetivos de aprendizagem:

Pretendemos que a criança:

- Tenha autonomia adequada a sua faixa etária
- Participe na atividade
- Participe nas decisões tomadas pelo seu grupo
- Tome decisões adequadas ao contexto e á atividade
- Passe a vez ao colega para este concretizar a atividade - Diversifique as suas opções de materiais de pintura e desenho;
- Crie um meio de representação e de comunicação através da pintura e do desenho;
- Identifique e nomeie as cores corretamente;
- Consiga perceber que as misturas das cores básicas servem para criar cores novas;
- Compreenda quais são os sentidos necessários do seu corpo para concretizar a atividade, isto é: tato e visão, essencialmente.

Esta atividade foi iniciada no período da manhã, contudo no período da tarde as crianças concretizaram uma atividade artística, no ginásio, em papel de cenário. Na sequência do que lhes foi mostrado de manhã, as crianças criaram autonomamente um trabalho de “Pollock”. Assim, o grupo de crianças dirigiu-se para o ginásio da instituição, onde encontraram uma tela grande no chão e uma mesa com copos de tinta guache e pincéis.

As crianças foram sentadas no chão, pois se estivessem todas em pé perto da tela e das tintas poderiam se distrair umas as outras assim as crianças, umas de cada vez, dirigiram-se para a tela, escolheram a cor e começaram a pintar. As crianças tiveram total liberdade para escolherem a cor que queriam usar, bem como queriam colocar a tinta no papel- foram eles mesmo a criar uma obra de arte, semelhante às obras de arte de Pollock.



Figura 2- Atividade Pintar Como Pollock

1.1.6 Reflexão

No que concerne ao estágio, no que diz respeito à minha intervenção, no primeiro dia encontrava-me um pouco nervosa, pois estava perante uma sala nova, diferente. Perante um grupo de crianças que não conhecia e sob a avaliação de outras pessoas que não me conheciam.

Estava sob outra realidade. Sabia que ia estar naquele contexto de terça a sexta-feira e preocupava-me imenso com a relação que ia desenvolver com as crianças, com a educadora e com a auxiliar de ação educativa. No entanto, a partir do momento que entrei na sala e a educadora nos apresentou, as crianças receberam-nos lindamente, incluindo-nos desde logo nas atividades livres que estavam a realizar.

Fiquei desde logo entusiasmada para interagir, ficando na mesma o nervosismo presente, como era de esperar, sempre com receio se estava a concretizar as atividades bem, constituindo um bom exemplo para as crianças.

Com o passar dos dias e das semanas, a educadora foi-nos dando várias oportunidades para intervir nas atividades que ia realizando com as crianças, fornecendo-nos um papel ativo e promovendo a nossa relação de proximidade e de afetividade com as crianças e, ao mesmo tempo, com a própria educadora e com a auxiliar, mostrando que confiava em nós este papel de apoio e orientação das atividades.

Desta forma, as minhas primeiras semanas de observação e de intervenção tornaram-se mais dinâmicas e interativas, cativando-me ainda mais para o estágio, pois sinto-me bem recebida e integrada na instituição, o que faz com que a motivação seja diferente caso o contrário acontecesse.

Durante a primeira semana de observação, reparei que as crianças comiam muita fruta: primeiramente às 10h da manhã, e depois ao almoço, como sobremesa.

Este fenómeno, deixou-me desde logo a pensar o que teria cativado aquelas crianças a gostarem tanto de fruta, e em conversas com a educadora vim a perceber que já era um

tema abordado na sala, visto que o lema da instituição visava muito a alimentação saudável, tanto de todas as crianças como de todo o corpo docente e não docente. Tanto na instituição como na sala, também se explora muito a relação que temos com a natureza, sendo que a sala onde estagiei tinha uma árvore – a oliveira – e um animal – a galinha – adotados. Este simples facto das crianças terem esta responsabilidade de que adotaram um ser vivo, é importantíssimo para desenvolver, entre outras coisas, a sua sensibilidade para com a natureza, na medida em que, por exemplo, a partir do momento em que adotaram a oliveira cuidaram dela, fizeram presentes para ela (um cartão, por cada criança, com o seu autorretrato desenhado num lado do cartão e a imagem que cada um tinha da oliveira, no outro lado) que colocaram à volta da árvore atados com um cordão, comeram fruta ao pé e à sombra da oliveira, contaram histórias à sombra da oliveira, entre outras atividades que servem para desenvolver as crianças em múltiplas dimensões. Também consegui perceber que o tema do projeto de sala estava muito em redor da alimentação saudável e do bem-estar, pois a educadora tem um dia específico para a partilha de fruta – em todas as quartas-feiras de cada semana, concretiza-se o dia da fruta. Este é um dia especial da fruta, pois quem traz a fruta são as crianças do grupo, isto é, cada um traz uma ou mais peças de fruta, e claramente, as frutas variam de criança para criança, o que faz com que exista sempre uma variedade de fruta. Posteriormente, as crianças sentam-se em círculo, com a sala escurecida, escolhem uma música clássica para ouvir e no seu prato está um pedaço de cada fruta para as crianças saborearem lentamente. Primeiramente, olham para a fruta, depois cheiram a fruta, e por fim, ao som da música clássica, comem a fruta de olhos fechados e muito silenciosamente, para que possam desfrutar deste momento de exploração dos sentidos e de tranquilidade ao máximo. Assim, percebi que a educadora trabalhava muito a exploração dos 5 sentidos, pois fazia-los cheirar, ver, tocar e saborear tudo o que pudesse ser explorado neste âmbito. Desta maneira, surgiu o nosso projeto – Como nos relacionamos com o mundo? – Seguindo as linhas orientadoras da educadora que nos deu total apoio na escolha do nosso tema.

Durante estas 8 semanas de observação e de intervenção pedagógico-didática tive experiências maravilhosas, cometi erros e aprendi com eles, recebendo críticas construtivas, recebi elogios, recebi sorrisos, carinho, mimos e agradecimentos. Desta maneira, cometi alguns erros, assumo-os, e aprendo com eles, formando-me numa melhor profissional, para que um dia possa ser a educadora com que sonho desde pequenina. Sei que há muitos aspetos a melhorar, como por exemplo, tenho de melhorar a minha gestão do tempo, há atividades que penso que são demasiado pequenas e simples e vão durar

muito pouco tempo, como por exemplo fazer um registo sobre uma atividade experimental, mais concretamente a atividade “Flutua ou não flutua” – na qual cada criança teria de evidenciar cada objeto que flutuava e o que afundava conforme tínhamos experimentado anteriormente – e que acabou por se estender por vários dias, e o oposto, atividades que eu penso que são muito complexas e extensas e que vão demorar mais tempo do que o previsto, como ler uma história e conversar com as crianças sobre o que foi lido que demora cerca de 30 minutos, às vezes nem tanto, o que me traz a preocupação das atividades de rotina, nas quais há horários específicos que nós, como educadoras, temos de cumprir para não destabilizar a criança. Percebi, através das atividades que fui desenvolvendo e das estratégias que ia utilizando para as dinamizar, que mesmo que não haja tempo num determinado momento para acabar a atividade, irá existir outro momento no qual as crianças poderão terminar a atividade, ou o contrário, se resta algum tempo da atividade, as crianças poderão ir fazer atividades livres e descontrair um pouco.

Neste sentido, é importante criar momentos abertos nos quais as crianças possam usufruir da sua imaginação, criando situações imaginárias, podendo mesmo vir a ser um “espelho” da realidade, no qual as crianças mostram nas suas brincadeiras o que entendem do seu mundo real.

Outra dificuldade que encontrei foi sentir-me à vontade com o grupo de crianças nas primeiras semanas de intervenção. Sempre que apresentava as atividades e as dinamizava, notava-se o nervosismo ali presente e, por isso mesmo, tive sempre algum receio em criar situações de conversa com as crianças, existindo mesmo uma lacuna nessa vertente que tenho vindo a tentar colmatar, com muito esforço, por não ter muita experiência em jardim-de-infância, mas que depois em conversas com a educadora, em conversas com o grupo de crianças e com o passar dos dias e das semanas os nervosismos foram-se atenuando até que, ainda que presente, se perceba um pouco menos, sendo que este aspeto tem de se ir melhorando e trabalhando com o tempo, assim como a gestão do tempo, que é um dos aspetos fundamentais nestas intervenções pedagógico-didáticas.

Do ponto de vista do cumprimento dos objetivos definidos penso que foram cumpridos de forma a favorecer as crianças, o seu desenvolvimento e as suas aprendizagens, sendo que é necessário ter sempre em conta que as todas as crianças são diferentes, ou seja, cada uma tem um ritmo de desenvolvimento e de aprendizagem diferente o que faz com que existam diferentes estratégias de ensino, que cativem as crianças para aprender. Neste sentido, há crianças que só é necessário explicar uma vez que elas já interiorizam a informação que lhes foi transmitida, e há outras crianças que é

necessário repetir a informação várias vezes até que a consigam compreender e interiorizar. Também é importante referir que o grupo de crianças era um grupo muito colaborativo que está sempre pronto a ajudar os amigos, existindo muita entreatajuda e partilha.

Após 8 semanas de prática de ensino supervisionada, aprendemos muita coisa. No meu caso, particularmente, aprendi que nem sempre as suposições que fazemos inicialmente estão corretas e que por isso mesmo devemos de aprender com os nossos erros. Durante estas 8 semanas de estágio e de interação direta com 19 crianças, uma educadora e uma auxiliar de ação educativa percebi que uma sala de atividades de jardim-de-infância pode envolver tanto ou mais trabalho como uma sala de aula de 1.º ciclo. A especulação que muitas pessoas ainda fazem sobre o facto do jardim-de-infância ser visto como um local onde as crianças passam o tempo todo a brincar, não é, de todo, verdade. Claro que há espaço para a brincadeira, mas também há espaço para atividades direcionadas, para o trabalho, para a partilha de conhecimentos e experiências através de conversas e momentos do dia-a-dia que vão tendo.

Após 8 semanas de estágio em educação pré-escolar, cheguei a casa todos os dias cansada, mas de coração cheio e consciente de que as minhas ações durante todo o dia contribuíram para o desenvolvimento global de um grupo de crianças, pois consegui partilhar com elas os meus conhecimentos. É neste sentido que penso que as minhas ações enquanto futura educadora e professora devem ser dirigidas – as mais-valias que posso oferecer às crianças, e que no fundo, elas me oferecem a mim, que se formos mesmo ao fundo da questão são muitas mais. As crianças conseguem chegar a detalhes, de tudo, que nós como adultos não conseguimos, por já não termos aquela “pequena”, mas grande visão sobre o mundo e sobre tudo o que o envolve.

A criança deve ser incentivada a procurar saber mais, a procurar informação e conhecimento, e nós como adultos e educadores temos essa função importantíssima de incentivar, enquanto vamos sendo incentivados por ela.

No que diz respeito às minhas dificuldades evidenciadas no início do estágio, penso que com o passar das semanas, foram colmatadas. Tanto a gestão do tempo como o facto de não ter muito à vontade para conversar com eles no início da manhã ou sobre o dia que íamos ter foram dificuldades que foram ultrapassadas com o passar do tempo pois consegui perceber que no fim de me inserir no grupo, no fim de me familiarizar com as crianças e com o ritmo de trabalho da educadora e da auxiliar, percebi que o meu ritmo de trabalho teria de ser idêntico, e que quanto mais eu puxava pelo grupo de crianças, mais eles

puxavam por mim, o que fez com que me sentisse assim já parte da sala, melhorando o meu trabalho como estagiária e a minha relação com todos intervenientes da sala.

Durante as minhas últimas semanas de estágio já me sentia parte da sala, do grupo, das rotinas. Já sabia como lidar com cada criança, distinguir entre birra e dor que cada uma mostrava, e entretanto, chegou ao fim.

De todo, a parte mais difícil para mim foi mesmo o último dia de estágio, no qual as crianças, a educadora e a auxiliar ofereceram-nos um retrato nosso, em tela, pintado pelas crianças. Quando nos entregaram esse pequeno, mas enorme, maminho, mostraram aquilo que nós esperávamos ter alcançado – criar um laço forte com esta sala. Escusado será dizer que lágrimas caíram e a saudade apertou no momento em que saí da sala, mas saí de coração cheio e com a alma cheia de boas recordações. Mais do que pretendi ensinar às crianças, foram todos os momentos que elas me proporcionaram a mim. Todos os dias chegava à sala e vinham a correr ter comigo, a contarem-me o que tinham trazido para a sala, o que lhes tinha acontecido, onde tinham ido passear... E os abraços, os melhores do mundo. Não há nada mais confortável do que os braços de uma criança.

Assimilei um mundo inteiro de aprendizagens neste estágio, mais do que em qualquer outro estágio em pré-escolar que já tivesse feito. Aprendi com os meus erros, aprendi a dar a volta por cima às situações quando não me corriam tão bem, aprendi que nem sempre as coisas correm como planeamos e como tal, temos de reformular a nossa intervenção de modo a proporcionar às crianças as melhores experiências que lhe pudermos oferecer. Aprendi que um dia de trabalho em sala de pré-escolar, cansa mais do que um dia inteiro das 8h da manhã às 20h da noite em aulas de mestrado. Aprendi que apesar de ser cansativo, estar com as crianças e receber delas o que de melhor elas têm para nos dar, é uma das sensações mais gratificantes que tive.

Aprendi a ser e a estar como uma educadora.

1.2 Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo- 1.º e 2.º anos

1.3 Caracterização do Ambiente Educativo

O primeiro estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreu entre 10 de março e 15 de maio do ano de 2015, numa turma de 2.º ano de escolaridade. Esta prática de ensino supervisionada foi realizada numa instituição de ensino público, que estava inserida num agrupamento de escolas da cidade de Santarém. A escola localizava-se numa área urbanizada e encontrava-se dinamicamente ativa no que se refere aos projetos com os quais o agrupamento tinha parcerias, como por exemplo ações de formação para os alunos sobre a higiene e saúde oral, apresentações referentes ao 25 de abril de 1974, entre outros. A população do meio envolvente caracterizava-se por uma grande diversidade cultural e económica, daí resultarem diversas formas de organização no que concerne ao estrato social, aos valores e aos padrões de comportamento, que se refletiam no escalão social que as crianças apresentavam.

O local onde a escola se situava, era ocupado por um campo de futebol, inserindo-se numa zona recente, na cidade de Santarém. A Escola EB 1 era um estabelecimento onde frequentavam crianças em idade escolar do 1.º ao 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, residentes no conselho de Santarém. Esta escola estava constituída por crianças de várias nacionalidades, etnias e com Necessidades Educativas Especiais, permitindo assim a aprendizagem a todas crianças.

O edifício era constituído por 12 salas de aula. As salas estavam divididas por blocos, sendo que cada um possuía dois pisos com três salas e uma zona comum. Existia ainda um polivalente, onde se realizam atividades na área das expressões, reuniões, convívios e festas, onde toda a comunidade escolar estava envolvida. Ainda neste espaço podíamos encontrar a sala de professores, um gabinete de atendimento da terapia da fala, a reprografia, a cozinha, casas de banho e arrecadações. Funcionava também aqui uma sala de Recursos com metodologia TEACCH (Tratamento e educação de crianças autistas com problemas de comunicação) – Unidade de Ensino Estruturado, destinada a alunos com perturbação do espectro do autismo e a Biblioteca da Escola/Centro de Recursos.

A escola estava equipada com um pátio de recreio, que possuía uma grande área de terra batida, com algumas árvores, um pequeno parque infantil, mesas, bancos e um repuxo, no qual as crianças brincavam livremente. Existia ainda um pequeno campo de jogos, aberto a toda a comunidade e que era utilizado pelos alunos.

No que diz respeito ao pessoal docente a escola contava com 12 professores titulares de turma, 3 de apoio educativo, 5 de educação especial, 2 de coadjuvação e 11 de

atividades de enriquecimento curricular. Em relação ao pessoal não docente contava com 13 assistentes operacionais. A componente letiva funcionava das 9.00h às 10.30h e das 11.00h ao 12.30h, no período da manhã. À tarde, a componente letiva decorria das 13.45h às 15.15h.

1.3.2 Caracterização da turma

A turma com a qual realizamos a nossa prática de ensino supervisionada no 2.º ano de escolaridade, era constituída por 21 alunos, como se mostra na tabela 2.

Número de Alunos	21 Alunos
Idades	7-8 anos
Género	11 meninas 10 Meninos
Alunos com NEE	2 alunos

Tabela 2- Caracterização da turma de 1.º Ciclo- 2.º ano

As alunas com necessidades educativas especiais tinham ambas a alínea e) tendo assim o currículo específico de acordo com o Decreto-Lei n.º 319/91, artigo 2.º e ainda o Programa Educativo Individual (PEI). Para além destas alunas com necessidades educativas especiais, existia ainda uma outra aluna que começou naquele ano letivo o processo de referenciação para a dislexia.

Dentro destes alunos havia ainda um aluno com nacionalidade Russa e outro que fez o seu ensino pré-escolar no Brasil, mas que tinha nacionalidade portuguesa, sendo que ambos mostravam estar bem integrados na turma.

Esta turma foi formada em regime especial, pois todas as crianças nasceram depois da data de ingresso estipulada no ano letivo, ou seja, depois de 15 de setembro, tornando esta turma, uma turma condicional. A turma mostrou-se no geral interessada e com bom aproveitamento, sendo por isso relativamente fácil realizar a nossa prática de ensino.

Para além destas características, a turma revelou-se bastante integradora, no que diz respeito aos alunos que entraram depois do início do ano letivo e também em relação aos alunos com necessidades educativas especiais, pois mostravam-se sempre muito empenhados em ajudar qualquer um dos colegas.

A turma caracterizava-se ainda por apresentar algumas dificuldades no âmbito das áreas de Matemática, onde apresentavam muitas dificuldades na resolução de problemas

e de Português nomeadamente na elaboração de textos onde se notava que ainda davam muitos erros ortográficos, sendo que os melhores aproveitamentos da turma estavam em torno das atividades de Estudo do Meio e Expressões. Também no âmbito da Educação para a Cidadania no geral a turma mostrava-se muito interessada.

Em relação aos ritmos de trabalho, a turma apresentava uma grande discrepância, sendo que alguns alunos acabavam as tarefas, pedidas pelo professor, muito rapidamente enquanto a maioria dos alunos não conseguiam terminar dentro do período de tempo estabelecido sendo necessário prolongar o trabalho da aula. Estes diferentes ritmos relacionavam-se, acreditamos, com o facto de muitos alunos apresentarem pouca autonomia e também com a capacidade de compreensão das tarefas e dos conteúdos neles implícitos.

1.3.3 Projeto Educativo

O Plano Anual de Atividades estava inserido no Projeto Educativo do Agrupamento, no qual se referia que pretendia atingir os seguintes objetivos: i) Promover a inovação pedagógica e a transversalidade das aprendizagens; ii) Criar condições favoráveis ao desenvolvimento de um bom ambiente de trabalho nas escolas do Agrupamento; iii) Fomentar a participação de alunos, pais e encarregados de educação na vida das escolas do agrupamento; iv) Implementar projetos de âmbito internacional, nacional e local que valorizem a Educação para a cidadania; v) Desenvolver o Programa de Educação para a Saúde.

No que se refere ao Plano de Turma, não conseguimos ter acesso. Todavia, conseguimos perceber através da nossa observação que este ia ao encontro do Plano Anual de Atividades, e conseqüentemente, ao Projeto Educativo.

1.3.4 Projeto de intervenção desenvolvido

Durante a nossa prática de ensino supervisionada, em 1.º ciclo do ensino básico, mais especificamente numa sala de aula de 2.º ano de escolaridade, considerámos importante rever e consolidar as regras de convivência social, nomeadamente as regras de sala de aula e de educação, pois para termos uma boa convivência social também temos de colocar em prática as regras de educação.

Tendo em conta a atitude que o professor deve ter em sala de aula é bastante importante para a criança, pois o professor é idealizado pelos alunos como modelo a seguir, julgamos pertinente que o professor transmita aos seus alunos a importância de uma boa

convivência entre eles para o bom funcionamento das atividades desenvolvidas em sala de aula, mas também em momentos da sua vida social externa à sala de aula e ao ambiente educativo, pois o que o professor ensina nas aulas reflete-se no dia-a-dia do aluno. Assim, a postura do professor deve de corresponder ao que ele ensina, tanto dentro como fora do espaço escolar. A convivência social só é possível mediante o cumprimento de regras e, por isso mesmo, a sociedade tem “leis e códigos que regulam a interação entre as pessoas, estabelecendo direitos e deveres”. Assim, se é função da escola promover a socialização, é indispensável preparar o aluno para respeitar os pares, ensinar-lhe a cumprir os seus deveres e trabalhar pelo bem-estar de todos os que o rodeiam. Neste sentido, a definição das regras na escola é uma questão um pouco mais complexa do que a simples organização do dia-a-dia escolar. Também em conversas com a professora cooperante, percebemos que era necessário voltar a referir as regras estipuladas para a sala de aula, pois a turma evidenciava comportamentos, durante o horário curricular, em que era necessário referir constantemente quais as regras a adotar para o bem-estar da turma, mas também da relação que estabeleciam com os adultos dentro e fora da sala de aula.

Foi nossa intenção, com a elaboração de atividades que tinham em vista a continuada formação pessoal e social dos alunos, no âmbito da educação para a cidadania, desenvolver alguns objetivos gerais, tais como:

- Incentivar os alunos a valorizar a importância de regras como elementos necessários à convivência social;
- Levar a turma a ter consciência das regras e a cumpri-las com total satisfação;
- Tornar o aluno num ser participante e cumpridor das regras de convivência;
- Debater a respeito da importância de algumas regras existentes na sala de aula para que sejam do conhecimento de todos;
- Constatar que as regras só têm valor real se forem aplicáveis a todos, em benefício do próprio grupo;
- Consciencializar a turma da importância do cumprimento das regras para um convívio proveitoso e saudável.

Para além destes objetivos, nunca ficaram esquecidos os objetivos estabelecidos tanto nos programas e nas metas sendo os mesmos trabalhados ao longo de todo o estágio.

1.3.5 Atividades desenvolvidas

Estas atividades foram escolhidas por apresentar uma aula curricular e uma mais direcionada para o nosso projeto e por se terem mostrado momentos significativos de aprendizagem dos alunos.

1.3.5.1 Aula da área Curricular de Matemática

No âmbito de uma aula da área curricular de Matemática definimos os seguintes objetivos de aprendizagem:

Domínio: Geometria e Medida GM2;

Conteúdo: Medir áreas

Objetivos: medir áreas de figuras efetuando decomposições em partes geometricamente iguais tomadas como unidades de área; comparar áreas de figuras utilizando as respetivas medidas, fixada uma mesma unidade de medida.

Para esta atividade começámos por pedir aos alunos, que em grupos de 4/5 elementos se dirigissem à mesa da professora, grupo a grupo, conforme os fossemos chamando, para medirem a área da face plana da mesa. O primeiro grupo mediu a área com folhas de papel A4 coloridas; o segundo grupo mediu com folhas de papel A5; o terceiro ficou encarregue de medir a mesa com guardanapos coloridos e por fim, o quarto grupo mediu o tampo da mesa com cartas de um baralho normal. Com esta atividade pretendíamos que os alunos percebessem o que era a Área e como a poderiam medir, mas que acima de tudo trabalhassem em equipa, pois sendo esta uma grande dificuldade da turma, considerámos que este seria um bom exercício para promover o trabalho e a cooperação em grupo.

A avaliação desta atividade foi feita por registo fotográfico e por observação, tendo em conta que no dia seguinte teríamos uma atividade planificada abordando ainda este conteúdo da geometria e medida, e que assim teríamos uma melhor perceção se os alunos teriam percebido este conteúdo, conseguindo perceber que os nossos objetivos foram cumpridos. No que se refere ao trabalho em equipa, acreditamos que os alunos conseguiram realizar esta tarefa muito bem, considerando que em tentativas anteriores, como por exemplo um trabalho a pares, as atividades não tinham corrido muito bem pois cada aluno queria apresentar as coisas à sua maneira sem dar valor ao que o seu colega tinha. Acreditamos que o reforço positivo que nós como professoras estagiárias fomos dando tenha sido uma mais-valia para que este trabalho tenha corrido bem e que através disso, a maioria das crianças perceberam que não haveria necessidade de um ambiente “competitivo” mas sim “cooperativo”.



Figura 3- Atividade da área Curricular de Matemática

1.3.5.2 Atividade de Educação para a cidadania

De forma a consolidar as regras de convivência social, começamos por abordar as regras de boa educação – atividade que intitulamos de “Palavras Mágicas”.

Objetivos:

Desenvolver atitudes e comportamentos adequados a um bem-estar na Escola, respeitando os colegas, todos os professores e assistentes operativos.

Atividade:

Conversa sobre boa educação e respeito pelos outros, seguindo da visualização de um vídeo sobre boas maneiras.

Estratégia:

Para dar início à aula, a professora estagiária começou por perguntar aos alunos, logo à entrada da sala “O que é que se diz à professora antes de entrar na sala?”, e assim que os alunos responderam, entraram e sentaram-se nos seus respetivos lugares. No fim de todos estarem sentados, a professora estagiária perguntou quais eram as palavras mágicas da boa educação que os alunos conheciam, pedindo a cada

um que respondesse, um a um. No final, para consolidar esta atividade, a turma visualizou o vídeo “As Palavras Mágicas - Videoclipe Oficial” em https://www.youtube.com/watch?v=-Qc16Nlx_TQ no quadro interativo, fazendo no final do vídeo um balanço sobre o que viram e o que aprenderam de novo.

Posteriormente, a professora estagiária começou por perguntar aos alunos quais as regras de sala de aula que conheciam. Após cada aluno explicar uma regra, a professora estagiária distribuiu desenhos onde estavam descritas as regras que os alunos tinham mencionado, e cada aluno ficou encarregue de pintar uma regra, assim como as palavras mágicas trabalhadas na aula de educação para a cidadania anterior.



Figura 4- Atividade da área Curricular de Educação para a Cidadania

Esta atividade mostrou-se bem-sucedida, pois a maioria dos alunos já conseguia identificar quais as regras de sala, bem como as de educação, pois nos dias seguintes já colocavam em prática algumas, nomeadamente, bater à porta antes de entrar e dizer sempre bom dia e boa tarde

1.3.6 Reflexão

No que diz respeito ao estágio e tendo em conta que ainda só tinha feito um estágio em 1.º CEB na licenciatura, e foi algo muito breve, é seguro dizer que estava entusiasmada, mas ao mesmo tempo ansiosa por saber aquilo que me esperava quando fosse eu a dar as aulas, como professora.

Fomos muito bem-recebidas pela turma, pela professora cooperante e por toda a comunidade educativa durante todo o tempo que nos encontrámos naquela instituição.

Este estágio foi o mais difícil para mim, pois senti muitas dificuldades, não tanto nos conteúdos a lecionar, mas sim na gestão de tempo e no controlo sobre a turma, que foi algo que eu notei que mesmo no final do estágio não foi consolidado por mim.

Preocupámo-nos desde muito cedo com os objetivos que queríamos trabalhar, e com o período de tempo que cada aula deveria demorar, em vez de nos preocuparmos tanto com as estratégias das nossas atividades e se os alunos conseguiriam perceber ou não determinados conteúdos.

Desta forma, e de modo a colmatar as nossas inseguranças, procurámos conversar desde logo com a professora cooperante e também com a professora orientadora do estágio que nos asseguraram que o importante seria que os alunos atingissem os objetivos

que queríamos alcançar, e assim teríamos de trabalhar um pouco mais as nossas estratégias de modo a incuti-los mais no processo de aprendizagem.

Consideramos que questão da gestão da sala de aula e do ambiente educativo que o professor vive é bastante importante, na medida em que não havendo um clima de participação, de interação, de respeito, de comunicação em sala de aula, não há forma de providenciar a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento da experiência pedagógica, a partir do que a escola oferece. É através desta dimensão que os alunos sabem que devem de respeitar o espaço onde estão, assim como os adultos que com eles convivem.

Foi neste âmbito que a nossa prática pedagógica, no início se tornou um pouco complicada. A professora titular de turma tinha, muitas das vezes, de intervir nas nossas aulas lembrando os alunos de que nós, apesar de sermos mais novas, estávamos ali como professoras, tal como ela, e que para nós podermos fazer isso, teríamos de contar com o apoio da turma.

Algumas semanas depois também nós fomos ganhando confiança com a turma, e principalmente nas nossas capacidades, e começamos a perceber que era também a partir da nossa confiança e consecutiva autonomia que a turma nos ia vendo como professoras, e que assim nos ia respeitando um pouco mais, dia após dia. Contudo, nunca impusemos uma posição de autoritarismo, em que os alunos tivessem medo de nós. Cabe aos professores saber distinguir autoridade de autoritarismo. Segundo o autor em cima mencionado, “autoridade nada tem a ver com autoritarismo”. Autoridade apresenta-se como a “capacidade de fazer-se autorizado pelo outro, para com ele poder interagir”.

O comportamento dos alunos também foi um fator a ter em conta no que concerne ao ambiente que se estabelece na sala de aula, ou porque eles conversam muito, ou porque querem ser falar todos ao mesmo tempo e não se conseguem perceber uns aos outros, e através daqui tivemos de tomar atitudes que os fizessem perceber de que forma estavam a agir. Assim, uma das soluções que ponderámos ser benéfica foi, enquanto os alunos estavam à conversa uns com os outros, colocámos a nossa mão no ar, como fazemos quando queremos falar numa sala de aula, e esperámos que os alunos reparassem. Alguns minutos depois de termos a mão no ar, um a um começaram a reparar e comentavam “A professora tem a mão no ar, é porque quer falar.” E no final, quando todos perceberam, tivemos um momento de reflexão com a turma no qual perceberam que de facto há uma ordem em colocar a mão no ar, e o porquê de colocarmos a mão no ar e de esperarmos pela nossa vez de falar, pois se falarmos ao mesmo tempo, ninguém acaba por perceber.

Também nestes momentos, como em tantos outros, considerámos que dar um reforço positivo seria uma boa estratégia de motivação para os alunos, principalmente para os que tinham mais dificuldades e que habitualmente se mostravam desinteressados.

1.4 Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância- Creche

1.3.1 Caracterização do ambiente Educativo

O estágio em creche decorreu entre os dias 20 e 30 de outubro de 2015 numa instituição particular de solidariedade social, localizada numa área urbanizada e inserida numa instituição aberta à comunidade envolvente. A população do meio envolvente caracteriza-se por uma grande diversidade cultural e económica.

A instituição situava-se num edifício antigo, mas remodelado o que lhe confere uma estética bastante apelativa ao contexto em questão, com pinturas de desenhos animados nas paredes que percorrem o edifício. Esta instituição era composta por quatro salas de atividades: Berçário, Sala de 1 Ano, Sala dos 2 Anos e Sala Familiar. Existia ainda uma Sala de Estímulo junto ao Berçário, um Refeitório, uma Copa, uma Sala Polivalente junto à Sala Familiar, três casas de banho e um fraldário, um gabinete de atendimento, uma zona de cabides, um vestiário para os funcionários e duas casas de banho para adultos. Para além da Creche existia ainda a valência de Pré-escolar que funciona com três salas de atividades – 3, 4 e 5 anos -, onde haviam duas casas de banho, duas arrecadações, zona de cabides e ainda dispõem de um refeitório localizado ao lado do refeitório de Creche.

Junto ao edifício estavam ainda espaços exteriores, com piso adequado às brincadeiras e atividades realizadas pelas crianças, maioritariamente de pré-escolar. Durante o estágio, nesta instituição trabalhavam 8 educadoras de infância, sendo uma das educadoras a coordenadora técnico pedagógica destas duas valências, e do pessoal não docente faziam parte 12 funcionárias, das quais 6 desempenhavam a função de assistentes operacionais (anteriormente designadas como auxiliares de ação educativa) e 3 desempenhavam a função de assistentes técnicas (anteriormente designadas como auxiliares de serviços gerais). A Creche/Pré-escolar tinham um horário de funcionamento de 11h15m diárias, abrindo às 7h45m e encerrando às 19h.

1.4.2 Caracterização do Grupo de crianças

O estágio foi realizado num grupo de 19 crianças, com 2 anos, conforme se verifica na tabela 1. Todos os alunos eram de nacionalidade portuguesa.

Número de Crianças	19 Crianças
Idades	2 Anos
Género	13 Meninas 6 Meninos
Dificuldades	1 Aluno

Tabela 3- Caracterização do Grupo

A criança a que me referi na tabela, com dificuldades, apresentava – aquando da realização do estágio – problemas auditivos e visuais, o que não complicava de qualquer forma o seu desenvolvimento motor, pessoal e social e o seu pensamento criativo. Apenas no nível de desenvolvimento cognitivo, mais especificamente na linguagem, é que a criança apresentava algumas dificuldades.

No que concerne ao grupo e às suas capacidades em geral, mostrava-se um grupo globalmente desenvolvido a nível do desenvolvimento cognitivo e motor. Já a nível do desenvolvimento pessoal e social, o grupo em geral, mostrava-se ainda um pouco egocêntrico no que diz respeito a partilhar brinquedos. Contudo, era um grupo extremamente interessado, participativo e criativo, evidenciando-se nas atividades que tinham preferência como massa de cores, movimentos, dança, pinturas, jogos, leitura de histórias, entre outras.

O grupo já apresentava uma autonomia consideravelmente positiva para esta idade, visto que já conseguiam comer e ir à casa de banho sozinhos

Também ao nível do desenvolvimento da linguagem verbal não se notava qualquer disparidade entre as diferentes crianças do grupo, pois todas as crianças eram capazes de produzir palavras ou até mesmo construir frases.

Desta forma, o grupo mostrava-se homogéneo ao nível do seu desenvolvimento global.

1.4.3 Projeto Educativo

O projeto da educadora regia-se pelo modelo HighScope, o qual nos refere que o conhecimento não provém nem dos objetos nem da criança, mas das interações existentes entre a criança e os objetos (teoria de Jean Piaget). Assim, o modelo HighScope parte do

princípio que a criança aprende a fazer, no qual faz sentido uma aprendizagem ativa por oposição à pedagogia transmissiva (pedagogia tradicional). Desta forma a criança vai construindo o seu conhecimento à medida que vai fazendo as suas explorações e tendo as suas experiências.

No que diz respeito ao projeto do grupo, as prioridades centravam-se no bem-estar, relações sociais e direitos. No campo do desenvolvimento social e pessoal as prioridades da educadora visavam fomentar a autonomia, partilhar brinquedos, respeitar regras, respeitar os amigos e os adultos e respeitar diferentes áreas dentro da sala. No campo do desenvolvimento cognitivo as prioridades centravam-se em nomear o seu nome e o dos seus familiares, aumentar o léxico, desenvolver novos vocábulos e comunicar através de vocábulos. No campo do desenvolvimento motor a educadora pretendia fomentar a motricidade.

1.4.4 Projeto desenvolvido

No que concerne ao projeto de intervenção, o mesmo teve como tema “ As cores do Outono” e surgiu em conversa com a Educadora Cooperante, que nos informou que durante a nossa intervenção pretendia trabalhar as cores, e como nos encontrávamos no outono decidimos trabalhar somente duas cores do outono, o laranja e o castanho, pois a educadora achou que para duas semanas era melhor introduzir somente estas duas cores, uma por semana.

O nosso Projeto tinha como finalidades: - desenvolver as sensações; desenvolver a psicomotricidade; criar rotinas; promover o bem-estar e o envolvimento e desenvolver a autonomia pessoal.

De modo a atingir as metas acima descritas, mais especificamente, pretendemos introduzir algumas cores associadas ao outono; manipular diferentes tipos de materiais; promover o contacto com diferentes texturas; promover o contacto com elementos da natureza e promover atividades psicomotoras em diversos contextos. **Atividades desenvolvidas**

1.4.4.1 Movimento criativo

Para a realização da atividade a seguir descrita tivemos como principais objetivos: identificar a cor laranja, promover a expressão corporal e estimular a participação.

Esta atividade consistiu em realizar diferentes movimentos com uma fita da cor laranja na mão. O objetivo principal desta atividade foi identificar a cor laranja, pois era esse

o tema do nosso projeto. Numa primeira fase foi entregue uma fita a cada criança para que a mesma pudesse explorar a fita de forma livre, de seguida colocámos uma música calma e realizámos alguns movimentos, que pedimos às crianças para copiar.

Como é de esperar nestas idades a maioria das crianças preferiu fazer movimentos livres, mas como o objetivo era fazer diferentes movimentos deixámos que as mesmas o continuassem a realizar, para terminar a atividade, colocámos as crianças em fila e as mesmas passaram por dentro de um túnel que terminava com uma cortina de fitas laranja. No fim da atividade as crianças ficaram a brincar livremente na sala polivalente.

Esta atividade não foi muito bem-sucedida, pois como as crianças estavam num espaço diferente do habitual queriam explorar o espaço, dispersando muitas vezes dos objetivos pretendidos.



Figura 7- Movimento Criativo

1.4.4.2 Massa de cores

Para a atividade a seguir descrita definimos como principais objetivos: modelar a massa de diferentes formas e introduzir a cor laranja.

Para o desenvolvimento desta atividade tivemos em conta que algumas crianças já tinham a noção da cor laranja, contudo a educadora pediu-nos que falássemos das cores do outono, começando desta forma a partir da cor laranja. Para a introdução desta cor começámos a atividade por mostrar alguns objetos cor de laranja, que são do dia a dia das crianças, alguns objetos existentes na sala de atividades, fazendo ao mesmo tempo uma comparação com os elementos da natureza, da cor estudada.

Desta forma elaborámos a atividade “Massa de cores- Cor de Laranja” para que o grupo para que o grupo conseguisse trabalhar a motricidade fina e tivesse ao mesmo tempo contacto com a cor. Iniciámos a atividade mostrando a massa e perguntando ao grupo se conheciam a cor, como era esperado alguns conseguiram responder corretamente, mas alguns elementos do grupo só repetiram a cor que os colegas referiram. Posteriormente recolhemos alguns objetos da sala que representavam a cor em questão e fizemos a associação à massa de cores.



Figura 8- Massa de cores- Cor de Laranja

Com esta atividade era pretendido, acima de tudo que brincassem e explorassem livremente a massa. À medida que as crianças iam explorando a massa interagimos com elas, de modo a perceber o que cada uma estava a construir e se conseguiam identificar a cor, reparando desta forma que a maioria já conseguia identificar que a massa era cor de laranja.

1.4.5 Reflexão

Senti que fui bem recebida pelo grupo de crianças, que apesar da sua tenra idade nos aceitaram bastante bem na sua sala, não mostrando qualquer inibição ou rejeição com a nossa presença, só notámos alguma inibição numa criança do sexo feminino que por vezes se recusou a ir à casa de banho na nossa presença na mesma, também sinto que fui muito bem recebida pela Educadora cooperante, mas não tão bem pela auxiliar que muitas vezes

não nos permitia intervir como desejávamos, afirmando que o nosso estágio era muito curto e que não podíamos habituar as crianças a ter a nossa ajuda, pois nas semanas seguintes iria ficar sozinha com eles.

Quando nos apresentámos na instituição a educadora apresentou-nos às crianças informando-os que só iríamos estar 2 semanas para brincar com eles.

Os dois primeiros dias de estágio deveriam ser para observação, mas como não nos deslocámos à instituição nos dois primeiros dias estipulados, por questões burocráticas, só conseguimos observar durante a nossa intervenção sendo que a nossa Educadora achou por bem que o nosso estágio se intitulasse de observação/participação, pois planeávamos alguns momentos de intervenção, mas para a nossa educadora e sendo um estágio de curta duração, o mais importante era recolher o máximo de informação possível para a nossa futura prática. Na minha opinião foi uma mais-valia, pois como a nossa Educadora já tem muitos anos de serviço, já possui alguma sabedoria que não nos é passada através de livros, sabedoria adquirida na prática, no terreno.

Todos os momentos, que apesar de serem curtos, foram uma mais-valia, pois sempre que a educadora realizava qualquer tarefa com as crianças explicava-nos a sua intencionalidade e o porquê de usar determinada estratégia com o grupo, por exemplo todas as manhãs a Educadora cantava várias músicas, pois ao longo do tempo a educadora percebeu que este grupo é muito recetivo às músicas e assim arranjou uma estratégia para os manter na manta enquanto o grupo não chega todo à instituição. Durante a primeira semana e em conversa com a educadora cooperante chegámos a um consenso em relação ao nosso projeto de intervenção que intitulámos de “Cores do Outono” em que este teve como principais objetivos:

- desenvolver as sensações;
- desenvolver a psicomotricidade;
- criar rotinas;
- promover o bem-estar e o envolvimento;
- desenvolver a autonomia pessoal;

Para desenvolver este projeto foram criadas algumas atividades que se mostraram de uma maneira geral bem-sucedidas, pois quase sempre os objetivos foram cumpridos e as estratégias bem adequadas, com a exceção de um dia, a atividade do puzzle de cores em que tínhamos planeado realizar a atividade em grande grupo, em que cada um ficava com uma peça do puzzle e teria de encontrar a peça que completava a sua, mas a educadora aconselhou a fazer de uma forma diferente, pois como ela já conhece bem o grupo, reparou que eles se iriam dispersar e não iriam estar com atenção à atividade, depois de reformulada a atividade, podemos avaliar que a atividade foi bem-sucedida.

Para além das atividades planeadas, o que eu acho fundamental nestas idades, são as rotinas que são a base de todo o desenvolvimento de uma criança de 2 anos, deixo de seguida o dia tipo do grupo de crianças: O dia tem início às 9:00 horas. Das 9:00 horas às 9:30 horas é feito o acolhimento dentro da sala. Das 9:30 horas às 10:00 horas são realizadas atividades orientadas pela educadora. Das 10:00 horas às 11:00 horas as crianças estão em brincadeiras livres dentro da sala, ou na sala polivalente. Das 11:00 horas às 11:30 horas é realizado o primeiro momento de higiene do dia, onde as crianças são preparadas para o almoço. São lhes lavadas as mãos e são lhes colocados os babetes. Das 11:30 horas às 12:15 horas é realizado o almoço. Das 12:15 horas às 12:30 horas é realizado o segundo momento de higiene, após o almoço as crianças são preparadas para o repouso. São lhes retirados os sapatos e são lhes lavadas as mãos e a cara. Das 12:30 horas às 15:00 horas é realizado o repouso. Das 15:00 horas às 15:30 horas é realizado o terceiro momento de higiene, no qual lhes calçam os sapatos. Das 15:30 horas às 16:00 horas é realizado o lanche. Das 16:00 horas às 16:30 horas é realizado o último momento de higiene. São lavadas as mãos e a cara e são penteados os cabelos. A partir das 16:30 horas as crianças ficam em atividades livres na sala. Durante todas estas atividades de rotina tentámos estar o máximo de tempo com as crianças e participar ativamente de todas as suas rotinas.

Como este estágio foi realizado num contexto que me era familiar, pois os meus filhos frequentaram a instituição, não me senti muito nervosa durante a minha intervenção. Mesmo assim ainda tive algum receio na realização das atividades, pois algumas vezes senti receio de estar a errar e a não passar para o grupo o que era pretendido, mas depois de realizarmos a nossa avaliação diária conseguimos perceber os nossos erros e as nossas dificuldades de forma a melhorar sempre nas intervenções seguintes

. Uma grande dúvida que ainda tenho é saber adequar atividades para um grupo de crianças com tão pouca idade, pois muitas vezes encontro atividades que penso serem adequadas, mas tenho sempre receio que sejam muito elaboradas, para colmatar estas dificuldades tenho noção que terei de realizar muitas leituras autónomas e sempre que possível realizar algumas ações de formação, pois sinto que o tempo que foi “dispensado” para a creche no nosso mestrado foi muito pouco.

1.5 Prática de Ensino supervisionada 1.º ciclo- 3.º e 4.º anos

1.5.2 Caracterização do Ambiente Educativo

O segundo estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreu entre 25 de novembro de 2015 e 15 de janeiro de 2016, numa turma de 3.º e 4.º ano de escolaridade. Esta prática de ensino supervisionada foi realizada numa instituição de ensino público, que estava inserida num agrupamento de escolas da cidade de Rio Maior. A escola localizava-se numa zona rural e encontrava-se dinamicamente ativa no que se refere aos projetos com os quais o agrupamento tinha parcerias, como por exemplo visitas ao centro de Rio Maior, parceria com as piscinas do Município de Rio Maior, entre outros. A população do meio envolvente caracterizava-se por uma enorme diversidade cultural, mas não tanto económica, o que resultava numa estruturação social equilibrada.

Localizada numa freguesia rural, a escola encontrava-se perto de um centro de dia, utilizando muitas vezes esta instituição para promover o contacto das crianças com pessoas que apresentavam diferentes conhecimentos e perspetivas, resultando assim numa parceria de aprendizagem cultural, social e pedagógica que visava promover ambas as faixas etárias de cada população.

Esta instituição usufruía de 5 salas de aula, 3 Salas de pré-escolar, 1 Biblioteca integrada na rede de Bibliotecas Escolares, 1 Polivalente, 1 Gabinete de Coordenação, 1 Sala de professores, 1 Sala de funcionários, 2 Salas de recursos e 2 Refeitórios. Tinha ainda dois espaços exteriores, um com parque infantil para o pré-escolar e outro com um campo de futebol para o 1º ciclo. A escola estava equipada com um pátio de recreio, que possuía uma grande área de terra batida, com algumas árvores, um pequeno parque infantil, mesas, bancos e um repuxo, no qual as crianças brincavam livremente. Existia ainda um pequeno campo de jogos, aberto a toda a comunidade e que era utilizado pelos alunos.

No que diz respeito ao pessoal docente este centro escolar contava com 14 docentes (cinco professores de 1.º ciclo, uma coordenadora e professora de apoio, uma terapeuta da fala, três professores de Atividades de Enriquecimento Curricular e quatro educadoras) e 10 funcionárias. O centro escolar abria os seus portões às 8.00h e encerrava às 19.00h, devido à componente de apoio à família do pré-escolar.

1.5.3 Caracterização da turma

A turma com a qual realizamos a nossa prática de ensino supervisionada no 3.º e 4.º ano de escolaridade, era constituída por 21 alunos, como se mostra na tabela 4.

Número de alunos	21 Alunos	17 Alunos de 3.º ano
		4 Alunos de 4.º ano
Idades	8 - 11anos	
Género	9 Meninas	
	12 Meninos	
Alunos com NEE	1 Aluna	

Tabela 2- Caracterização da turma do 1.º Ciclo- 3.º e 4.º Anos

O aluno com necessidades educativas especiais usufruía do currículo específico de acordo com o Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro, assim como o PEI (Programa Educativo Individual) usufruindo do artigo 16.º referente à Adequação do processo de ensino e de aprendizagem bem como do artigo 20º referente às Adequações no processo de avaliação. Para além deste aluno existiam ainda mais três alunos que se encontravam no processo de referenciação para este mesmo Decreto-Lei.

Nesta turma podíamos constatar ainda dois alunos com nacionalidade estrangeira, um com nacionalidade romena e outro com nacionalidade búlgara, sendo que estavam os dois muito bem integrados na turma e já adquiriam as competências necessárias referentes à língua portuguesa para a escrita, leitura e oralidade, pois estavam em Portugal, pelo menos, desde o 1.º ano do Ensino Básico.

Esta turma apresentava diversas dificuldades, tanto o 3.º como o 4.º ano, especialmente ao nível da matemática e do português. Em relação à área curricular do Português, os alunos no geral não apresentavam grandes dificuldades, apenas algumas incoerências e erros ortográficos na elaboração de textos escritos.

Para além destas características, a turma revelou-se bastante integradora, no que diz respeito aos alunos que entraram depois do início do ano letivo e também em relação aos alunos com necessidades educativas especiais, não só da turma, mas também do ambiente educativo da escola.

No que concerne aos ritmos de trabalho, a turma não era muito discrepante, sendo que a maioria dos alunos tinha muitas dificuldades em realizar as tarefas que lhes eram propostas no espaço de tempo estabelecido.

1.5.4 Projeto Educativo

O Plano Anual de Atividades estava incluído no Projeto Educativo do Agrupamento, no qual se referia que pretendia atingir as seguintes prioridades:

- Melhoria do Sucesso Educativo;
- Melhoria da qualidade do serviço prestado;
- Assegurar o prosseguimento de estudos;
- Integrar alunos com NEE's;
- Integrar alunos estrangeiros;
- Educar para a cidadania.

Em relação ao Plano de Turma não conseguimos ter acessibilidade. Porém, conseguimos perceber através da nossa observação que este ia ao encontro do Plano Anual de Atividades e também ao Projeto Educativo.

Através da nossa observação, fomos percebendo que a interdisciplinaridade das aprendizagens se apresentava como um fator importante na didática da professora.

1.5.5 Projeto desenvolvido

Para a construção do projeto “Todos diferentes, todos iguais”, tivemos em consideração as necessidades educativas dos alunos, pois na escola e até mesmo na sala de aula, existiam muitos alunos com diferenças não só físicas, como raciais e socioeconómicas. Assim, e dado que em muitos momentos do dia era necessário o professor intervir na gestão de conflitos em relação a esta temática, resolvemos, em conjunto com a turma, optar por desenvolver um projeto que envolvesse a turma no geral, mas também outros alunos da comunidade educativa. Em conversa com a professora cooperante decidimos conduzir o nosso estágio com o intuito de resolver estes conflitos existentes. Neste sentido, desenvolvemos diversas atividades em que era notório o objetivo de ultrapassar as dificuldades no âmbito da diversidade, mas também ao nível do comportamento. Apesar de o nosso projeto estar mais centrado na questão da diversidade, não esquecemos todas as áreas disciplinares para o nível de escolaridade que nos

encontrávamos a estagiar, tentando assim criar sempre interdisciplinaridade de forma para que nenhuma área ficasse prejudicada, tal como as atividades que se apresentam em seguida.

1.5.6 Atividades desenvolvidas

1.5.6.1 *Elaboração de um Folheto*

No âmbito de uma aula da área curricular de Português e de Expressão Plástica foram descritos os seguintes objetivos de aprendizagem:

- Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo.

- Indicar, para as relações fonema–grafema e grafema–fonema mais frequentes, as diferentes possibilidades de escrever os fonemas que, segundo o código ortográfico do português, podem corresponder a mais do que um grafema, e para cada grafema indicar, quando é o caso, as diferentes possibilidades de “leitura” (em ambos os casos exemplificando com palavras).

- Escrever corretamente no plural as formas verbais, os nomes terminados em -ão e os nomes e adjetivos terminados em consoante.

- Utilizar adequadamente os seguintes sinais de pontuação: ponto de exclamação; dois pontos (introdução do discurso direto); travessão (no discurso direto).

Esta aula foi realizada após uma outra em que foi explicado aos alunos diferentes conteúdos sobre o folheto, desta forma esta aula começou com uma pequena revisão dos conteúdos abordados na aula anterior, nomeadamente a estrutura do folheto, o tipo de informação que o mesmo deverá conter e como está descrita e ainda a ilustração que o mesmo deve conter.

À medida que fomos relembrando a estrutura do folheto, a turma ia construindo o mesmo. No final da dobragem, começamos por estruturar um texto que continha todas as informações em relação ao concurso elaborado pela turma “Todos diferentes, todos iguais” que consistia em que cada aluno construísse uma banda desenhada com o tema da diferença. Para esse efeito, a turma construiu folhetos que iria distribuir pelos colegas de outras turmas caso estes quisessem participar também. Neste sentido, o texto foi construído pela turma com a minha orientação, isto é, cada aluno dava o seu contributo, construíam as frases e eu, como professora, escrevia no quadro para que os alunos pudessem copiar para o seu folheto. Cada parte do folheto correspondia a um determinado conteúdo da informação, nomeadamente, qual era o tema do concurso e como foi

escolhido, como poderiam participar, quem organizou o concurso, onde se realizava o mesmo, o que teria de conter uma banda desenhada e ainda os prémios que os participantes iriam receber.

Com esta atividade pretendíamos que os alunos compreendessem essencialmente a estrutura do folheto, mas também que fossem treinando um pouco mais a sua escrita e construção frásica na medida em que apresentavam algumas dificuldades neste âmbito.

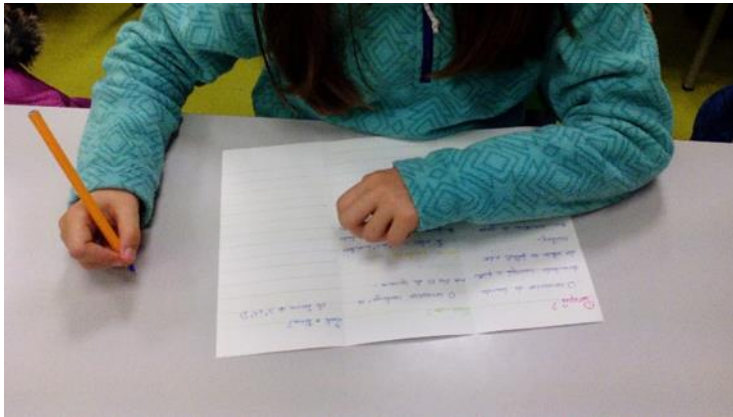


Figura 9- Atividade do Folheto

1.5.6.2 Aula de Estudo do Meio

No âmbito de uma aula de Estudo do Meio foram descritos os seguintes objetivos de aprendizagem:

- Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais:
Circulação (pulsação, hemorragias...);
- Conhecer as funções vitais (circulatória);
- Conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (coração) ;
- Localizar esses órgãos em representações do corpo humano.

Após o intervalo comecei por mostrar um estetoscópio aos alunos e perguntei se alguém sabia o que era e para o que é que serve, a maioria dos alunos soube responder para que servia, mas não reconheceu o seu nome, de seguida expliquei que o estetoscópio serve para ouvir o coração, para ouvir o seu batimento cardíaco.

De seguida expliquei que podemos ouvir o coração encostando a cabeça no peito de um amigo, mas que não conseguimos ouvir na perfeição.

Após esta explicação os alunos exploraram o estetoscópio, pela ordem em que estavam sentados, auxiliando na sua utilização.

Depois de esta exploração comecei por explicar que o barulho que conseguimos ouvir é o do sistema circulatório e que conseguimos ouvir o barulho porque o nosso coração bombardeia com muita força o sangue.

De seguida foi colocado no quadro o cartaz do sistema circulatório e explicado todo o processo da função, bem como os nomes dos órgãos que se encontram no sistema circulatório (coração, e os vasos sanguíneos mais propriamente artérias veias e capilares). Posteriormente a professora mostra um pequeno esquema do coração que se encontra num recurso informático de um jogo da Clementoni.

Durante este tempo percebi que o que tinha planificado não era suficiente para o tempo de aula previsto e então decidi desenhar um coração no quadro de giz de modo a que os alunos também desenhassem um no seu caderno diário de forma a identificarem todas as artérias e veias existentes no mesmo.

A minha gestão de tempo nesta atividade não foi a mais correta, pois durante alguns momentos os alunos encontravam-se sem nada para fazer acabando por destabilizar a aula.

1.5.7 Reflexão

Durante a minha prática tive sempre em conta os objetivos propostos no projeto educativo, pois dentro da turma existiam vários níveis de escolaridade, tentando então criar as mesmas oportunidades a todos os alunos da turma, nomeadamente com um apoio mais individualizado aos alunos que requeriam mais atenção, tendo em conta as suas dificuldades, também demos um grande relevo à educação para a cidadania, pois na turma existiam alguns conflitos em relação às diferenças do outro. Deste modo criámos atividades diversificadas, utilizadas com o intuito de promover o respeito pelas diferenças do outro. Nestas atividades falámos sobre as diferenças existentes em todos nós e em como é importante respeitar as mesmas.

No que diz respeito à turma, é uma turma com 21 alunos, 17 estão a frequentar o 3.º ano de escolaridade e 4 o 4.º ano de escolaridade, em que 10 crianças são do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Existe uma criança no Decreto- Lei n.º 3 /2008, de 7 de janeiro que se constitui a “promover a igualdade de oportunidades, valorizar a educação e promover a melhoria da qualidade do ensino”, para além desta criança existe ainda na turma mais duas em processo de referenciação, mas que reúnem à partida todas as condições necessárias para vir a usufruir do mesmo decreto de lei.

Para apoiar estas crianças existe uma professora de apoio, que se desloca à sala, uma vez por semana, de forma a proporcionar a estes alunos um apoio mais individualizado, para que consigam acompanhar a restante turma.

Para além destas crianças a turma possuía ainda outros alunos com algumas dificuldades, nomeadamente na escrita e na fala, em que duas possuem terapia da fala, uma delas no meio escolar com uma terapeuta e outra fora do meio escolar, recorrendo às consultas por recursos económicos próprios.

Esta turma, apesar de demonstrar ter algumas dificuldades é também uma turma muito interessada e muito empenhada, mostrando sempre muita vontade de aprender. Existe ainda um bom relacionamento entre quase todos os alunos da turma, bem como uma grande vontade de ajudarem os colegas que sentem mais dificuldades.

No que concerne à integração na instituição, fomos muito bem-recebidas pela nossa professora, que nos colocou muito à vontade perante a turma, pelos alunos que se mostraram bastante satisfeitos com a nossa presença na sua sala, pelos restantes professores que fizeram questão de nos receber e colocar à vontade para pedir ajuda sempre que necessário, bem como para nos integrarmos totalmente na equipa de trabalho da escola, a restante comunidade educativa também nos recebeu muito bem.

Este bom relacionamento manteve-se durante todo o nosso estágio, o que considero uma mais-valia, pois sempre que era necessário toda a comunidade educativa se mostrava disponível para nos ajudar.

A nossa professora cooperante mostrou-se uma pessoa muito acessível e tentou ao máximo facultar-nos toda a informação possível acerca da turma, quais as suas principais dificuldades, quais os alunos que mostravam alguma imaturidade, alguma NEE, e também qual o método utilizado por si para lecionar as suas aulas. Foi-nos muito fácil observar e recolher toda a informação que nos era pertinente, pois a nossa professora cooperante, durante as semanas de observação, sempre que notava algo fundamental para a nossa prática, fazia questão de nos informar. Foi também neste período que conseguimos observar bem a turma, era uma turma muito interessada e participativa, mas que se notavam muitas dificuldades de aprendizagem da maioria, nomeadamente no Português, mais propriamente na escrita e na gramática, pois a maioria da turma denota muita dificuldade na construção frásica e na concordância da mesma.

No que denota a minha intervenção, senti-me bastante nervosa no momento de encarar a turma, pois a primeira experiência em 1.º ciclo não tinha sido muito positiva, tendo por isso criado algumas barreiras e inseguranças em relação ao mesmo.

No que diz respeito há minha intervenção é fundamental criar uma boa planificação para que o nosso trabalho seja conseguido com sucesso, de acordo com Zabala (1998)

“Uma boa planificação deve ser flexível permitindo assim uma adaptação às necessidades dos alunos em todo o processo de ensino-aprendizagem. Esta planificação deve estabelecer metas e objetivos que correspondam ao nível de ensino em que os alunos se encontram, criando atividades mais ou menos complexas consoante as suas dificuldades, mas com sentido para os mesmos de modo a que entendam e consigam adquirir os conteúdos que vão sendo estudados”, desta forma tentei sempre criar planificações que fossem ao encontro das necessidades dos alunos para que os mesmos conseguissem ter sucesso.

Durante a minha intervenção houve momentos em que foi difícil concretizar o que tinha proposto, pois por vezes aparecem atividades que não temos previstas o que altera o que temos proposto, mas como sabemos uma planificação não é estanque e pode ser alterada sempre que se note necessário.

Em relação os meus momentos de intervenção considero que a mesma foi bastante positiva, pois consegui ultrapassar alguns receios iniciais que tinha, como o medo de errar e de não ter os conhecimentos necessários para lecionar o que era proposto. Neste sentido sempre que preparava as aulas que iria lecionar no dia a seguir procurei sempre estudar tudo o que era proposto, de modo a não errar e me sentir confiante no momento.

Logo na primeira semana de intervenção, foi-nos colocado um obstáculo, a nossa professora cooperante teve um pequeno acidente de carro e viu-se obrigada a faltar um dia inteiro, nesse momento a coordenadora da escola perguntou se conseguíamos ficar um pouco sozinhas com a turma, pois precisava de tratar de uns assuntos e assim foi, ficámos as duas sozinhas com 21 crianças a olhar para nós na expectativa do que ia acontecer. Acho que as minhas pernas tremiam. Mas como toda a turma se mostrou muito recetiva, com o tempo os nervos acalmaram, tornou-se numa experiência muito gratificante, pois acabámos por ter só para nós uma turma durante um dia inteiro, o que nos levantou bastante a auto estima, pois sentimos que depositaram em nós alguma confiança com tão pouco tempo de estágio. Nesta intervenção não tivemos tempo de planificar nada, pois foi um acontecimento inesperado, mas como a professora nos deixou o plano de aulas seguimos o mesmo. Desta forma e como os alunos tinham tido uma visita de estudo no dia anterior, os mesmos realizaram uma ficha onde registaram o que viram, o que mais gostaram, o que menos gostaram e realizaram a ilustração da mesma, neste momento não

tivemos um papel muito interativo, pois como não sabíamos o que tinham visto não conseguimos dar aos alunos o apoio que pretendíamos.

No período da tarde, a coordenadora passou na nossa sala para ver se estava tudo bem e para nos orientar para o período da tarde, mas como no plano da professora estava realização de algoritmo da subtração, eu e a Minha colega, a Vanessa, passámos no quadro de giz umas quantas operações, semelhantes às que a turma já tinha realizado antes, para que os alunos as realizassem no seu caderno diário, neste momento reparámos que os alunos tinham algumas dificuldades em compreender o algoritmo, assim tentámos explicar o mesmo para que todos o conseguissem compreender.

De um modo geral considero que este nosso desafio foi superado com sucesso, pois avaliando o trabalho realizado com a turma, quase todos conseguiram realizar as operações propostas e no momento da realização das mesmas quase todos conseguiram explicar o que estavam a fazer.

Penso que para uma primeira intervenção e sem recurso a qualquer planificação não nos saímos, mal, mas claro que existem muitos aspetos que foram sendo melhorados ao longo de toda a nossa intervenção.

Em relação há minha primeira semana de intervenção, não tive muitas oportunidades de colocar em prática toda a minha planificação, pois como se aproximava a festa de Natal, existiam muitos momentos em que os alunos tinham de ensaiar para a mesma. Esta semana também ficou marcada pela realização de todas as atividades relacionadas com o Natal. Mesmo assim ainda consegui lecionar algumas aulas, nomeadamente a matemática onde fiz uma pequena revisão das tabuadas que os alunos já conheciam, para deste modo introduzir as restantes, elaborei uns armários com seis ursos cada para que os alunos compreendessem como era elaborada a tabuada do 6, explicando que poderíamos representar 1×6 ou 6×1 recorrendo à propriedade Comutativa da Multiplicação, os alunos já sabiam que podia ser representado das duas formas, mas notei que ainda não sabiam que se tratava da propriedade comutativa da multiplicação. Depois de introduzir a tabuada realizei com a turma alguns exercícios propostos no manual de forma a consolidar a mesma, nesta área não senti muitas dificuldades, pois como é das minhas áreas de eleição e não tenho muita dificuldade na sua explicação, sinto-me sempre confiante na hora de a lecionar. As outras tabuadas foram introduzidas com recurso a um puzzle, em que os alunos tinham de saber o resultado da mesma para a elaboração do mesmo, esta atividade demorou mais tempo do que era previsto, pois como havia a necessidade de recortar e reconstruir o puzzle, alguns alunos demoraram bastante tempo,

neste momento devia ter planificado tendo em conta que alguns alunos ainda têm alguma dificuldade em recortar corretamente o que pode prejudicar o trabalho, pois se o puzzle não faça bem recortado é mais difícil a sua construção. Estas tabuadas ficaram coladas nos manuais dos alunos e os mesmos recorrem a elas quando sentem necessidade.

No que diz respeito a atividades na área do Português apenas consegui realizar com os alunos uma carta resposta do Pai Natal a um menino, neste momento comecei a aula por ler colocar a turma a ler a carta que o menino escreveu ao Pai Natal, este momento não foi muito bem-sucedido, pois a carta que escolhi era muito extensa o que fez com que alguns alunos se dispersassem da aula.

Depois de realizar a leitura expliquei à turma que este ano não eram eles que iam escrever uma carta ao Pai Natal, mas sim iam escrever uma carta resposta a um menino. A turma mostrou-se entusiasmada, pois a maioria já não acredita no Pai Natal e para eles já não faz muito sentido escrever uma carta ao Pai Natal. Depois de explicar mostrei aos alunos como era a estrutura de uma carta e o que a mesma devia conter, depois desta explicação realizámos uma chuva de ideias e por fim a carta, em trabalho coletivo. Neste sentido foi dada oportunidade a toda a turma para dar a sua ideia e em conjunto construímos a carta resposta. Penso que esta atividade foi bem-sucedida, e apesar de ser da área do Português não senti muitas dificuldades na realização da mesma e quase toda a turma conseguiu perceber qual a estrutura da carta.

Durante a segunda semana, foi-me colocado um novo desafio, ficar sozinha com a turma no período da manhã, neste dia senti-me ainda mais nervosa, pois faltava-me o meu apoio, a Vanessa, foi neste pequeno momento que consegui experienciar o que é realmente ser professora, pois tive de saber gerir os dois grupos completamente sozinha.

No primeiro tempo da manhã a professora deixou-me uma ficha, para os alunos do 3.º ano, para os mesmos treinarem para a ficha de avaliação de Português que iriam realizar na semana seguinte, como era uma ficha de treino a professora pediu-me para não lhes dar muita ajuda, pois queria avaliar como é que os alunos se encontravam em relação aos conteúdos abordados, nesta intervenção fui-me sentindo segura com o passar do tempo, pois os alunos também foram muito colaborantes comigo e ajudaram muito na minha intervenção, em relação ao grupo do 4.º ano a professora não me tinha deixado nada como referência, mas como o outro grupo estava a realizar a ficha, assim aproveitei as fichas de consolidação do manual dos mesmos e exatamente como os do 3.º ano realizaram de forma autónoma a mesma.

No 2.º tempo ia começar a realizar exercícios de matemática, quando a coordenadora me veio informar que todos os alunos iam realizar o ensaio para a festa de Natal, nesse momento, falei com a turma sobre o que íamos fazer e pedi que todos se portassem bem durante o ensaio. Formei um comboio, como habitualmente a professora fazia, e em silêncio encaminhei a turma para o local do ensaio. Durante o ensaio houve dois alunos que tiveram um pequeno desentendimento, fiquei um pouco apreensiva em lhes chamar a atenção em frente a toda a comunidade escolar, mas como era eu que estava encarregue deles separei-os e informei que se não se portassem bem os levava de volta para a sala e não realizavam o ensaio. A professora nesse momento elogiou-me e disse que tive uma boa ação perante eles, o que me deixou um pouco mais confiante.

Depois do ensaio já chegou a nossa professora cooperante e a mesma encaminhou os alunos para o refeitório e ficou à frente da turma o resto do dia.

De um modo geral considero que esta minha intervenção foi bem-sucedida, pois os alunos conseguiram realizar todas as atividades propostas e conseguir gerir os dois grupos de forma favorável.

De salientar que, apesar de estarmos a intervir à semana, sempre que uma se encontrava com o grupo de 3.º ano, a outra centrava-se no de 4.º ano, esta tarefa tornou-se facilitada porque nos tínhamos uma à outra, mas é de refletir que quando estivermos efetivamente no terreno não vamos ter ninguém na sala para nos apoiar e aí teremos de ser nós sozinhas a lecionar para os dois grupos, desta forma é necessário que seja feita uma boa diferenciação pedagógica.

Neste sentido, é fundamental que no meu futuro profissional consiga fazer uma boa diferenciação de modo a que todos os alunos tenham sucesso nas suas aprendizagens.

Na minha última semana de intervenção já consegui intervir durante toda a semana, no que diz respeito às minhas seguranças a Matemática continua a ser a área com a qual me identifico mais e não denoto qualquer dificuldade durante a intervenção das mesmas. De salientar que sempre que lecionei essa área tentei recorrer ao máximo de recursos possíveis de forma a tornar as aulas mais atrativas e dinâmicas. Numa das intervenções a ajuda da professora na planificação da mesma tornou-se uma mais valia, pois só assim conseguir compreender que para ensinar Matemática não temos de começar primeiro pelos conteúdos e só depois passar para as atividades, por vezes se invertermos e começarmos primeiro pela atividade, os alunos como já experienciaram, já percebem o que fizeram e durante a explicação dos conteúdos eles próprios já vão dizendo do que se trata. Considero assim que o papel da supervisora se tornou essencial durante a minha intervenção, pois

com o apoio da mesma a atividade foi bem elaborada e assim consegui que os alunos cumprissem os objetivos a que me propus.

No que diz respeito às minhas dificuldades o Estudo do Meio, neste estágio, tornou-se o mais complicado para mim, pois os conteúdos que estavam a ser abordados, tanto para o 3.º como para o 4.º, já eram bastante complexos e exigiam muito “trabalho de casa” para conseguir ter sucesso na minha intervenção.

Em relação ao Estudo do Meio, sinto que ainda tenho muito a melhorar, pois como não me sinto segura nos conteúdos que estou a lecionar, é notória a minha insegurança durante as aulas desta área. Numa das minhas intervenções em relação ao Estudo do Meio, sinto que o meu nervosismo e a insegurança no que estava a lecionar se tornou notória e acabei por me perder um pouco no tempo e nas atividades que tinha planificado, de notar que neste dia a professora supervisora se encontrava na escola e as palavras que me dirigiu no fim serviram para refletir sobre a ação e procurar sempre melhorar, assim sempre que planificar uma área para a qual não me sinta tão segura devo recorrer ao máximo de leituras possíveis.

Desta forma, penso que deveria ter feito alguns exercícios de aplicação para que no momento em que os alunos estavam a manusear a representação do coração que lhes facultei o resto da turma não se distraísse e não ficasse tanto tempo sem nada para fazer, é com os erros que crescemos e não são só os aspetos positivos que devemos retirar dos estágios, os negativos também servem para nos formar como boas profissionais.

Em relação ao 4.º ano a História de Portugal sempre foi uma área em que não mostrei qualquer interesse, mas depois da realização deste estágio já não me sinto tão insegura em relação ao mesmo, pois como me deparei com a dificuldade no momento de a lecionar, realizei diversas leituras de forma a me inteirar do conteúdo que iria lecionar.

Assim e depois dos alunos realizarem as fichas de Avaliação posso dizer que a minha intervenção em relação a esse tema, foi positiva, pois a maioria dos alunos conseguiu responder corretamente às questões relacionadas com a História de Portugal.

No que diz respeito ao Português, a maioria das nossas atividades estavam relacionadas com o nosso projeto de intervenção “Todos diferentes, todos iguais” e podemos desta forma dizer que o mesmo foi bem conseguido, como se pode observar nas atividades descritas no Portefólio.

Em relação à Avaliação de todo o nosso projeto de intervenção, podemos afirmar que foi bem-sucedida, pois conseguimos cumprir todos os objetivos a que nos propusemos, e todos os alunos conseguiram compreender todos os conteúdos que lhes transmitimos,

sendo portanto nesse sentido que consideramos ensinar alguma coisa a estas crianças com que nos deparámos durante as 5 semanas de intervenção que nos foram propostas.

Deixo também uma nota muito positiva a todo o contexto educativo em que no encontrámos, pois é uma excelente escola e recebem muito bem os estagiários, tentando proporcionar o máximo de aprendizagens que lhes são possíveis.

Espero que na minha prática profissional consiga fazer um bom trabalho e que consiga colocar em prática o número de aprendizagens gigante que nos foram proporcionadas, não só pelos professores, como também pelos alunos que se cruzaram no nosso caminho durante todo este processo de aprendizagem, estes pequenos gigantes ensinam-nos tanto que é muito importante relembrar na prática o que eles nos podem ensinar.

2. Percurso de Desenvolvimento Profissional

Analisando o meu percurso de desenvolvimento profissional ao longo dos três semestres, considero que foi um caminho longo e de intenso trabalho, com muitas aprendizagens concretizadas. Os estágios foram sem dúvida os períodos onde consegui perceber melhor todo o trabalho que um professor e educador precisa realizar, consegui perceber a importância de se criarem relações de empatia com as crianças, observando sempre a individualidade de cada uma delas, conseguindo perceber as capacidades e dificuldades de cada uma de modo a adequar as estratégias no processo de ensino/aprendizagem.

O professor/educador deve ter a capacidade de refletir e avaliar o seu trabalho de forma a evoluir enquanto profissional, devendo ter a preocupação de contribuir para a progressão e desenvolvimento dos seus alunos.

O papel do educador/professor é crucial para o desenvolvimento das crianças, e segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar o educador deve nas suas intervenções ter uma intencionalidade educativa que passa pela observação, pelo planeamento, pela ação, pela avaliação, pela comunicação e pela articulação (Ministério da Educação, 1997).

Fazendo uma autoavaliação e analisando o contexto de jardim de infância, um dos aspetos que considero ter sido positivo foi a relação interpessoal com as crianças; penso que consegui que estas vissem em mim alguém em quem podiam confiar, com quem podiam falar, “pedir mimo” e, desta forma, sentirem no adulto a segurança necessária para se sentirem bem ao mesmo tempo que tentava transmitir alegria e conhecimento. Relativamente aos aspetos a melhorar, ainda no contexto de jardim de infância, foram sem dúvida a gestão do grupo e a Gestão de conflitos.

Quanto ao contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico, considero que os aspetos que dominei melhor foram o acompanhamento individualizado das atividades letivas, pois mais uma vez, e como já referi no contexto de jardim de infância, é desta forma que consigo perceber as dúvidas/lacunas de cada aluno e conseqüentemente adaptar estratégias para que o aluno ultrapasse essas mesmas dificuldades/limitações. Quanto ao domínio de gestão da turma a nível comportamental, nas primeiras semanas de intervenção foi um pouco complicado, pois alguns dos alunos testavam até onde podiam ir, tornando difícil gerir o barulho causado pelas conversas duais. No entanto, nas últimas semanas de estágio senti uma evolução e conseqüentemente crescimento a nível pessoal, conseguindo

dominar o comportamento dos alunos e desta forma demonstrar uma maior autoridade, pois com a colocação de um simples semáforo na sala de aula os alunos já demonstravam algum respeito e me viam como professora. Este é um aspeto que considero muito positivo visto ter sentido um grande desenvolvimento na fase final do estágio.

Outro aspeto em que me senti mais à vontade foi na relação com os alunos, pois foi algo que foi crescendo. Considero que transmiti respeito e confiança aos alunos e a resposta destes foi muito positiva

No que diz respeito aos aspetos da prática profissional em que necessitava de melhorar, em contexto de 1º Ciclo foi a articulação de várias perguntas/questões colocadas pelos alunos ao mesmo tempo que tentava encadear o meu pensamento, previamente delineado e estruturado.

Uma lacuna ainda difícil de ultrapassar foi a gestão do tempo.

Apesar das dificuldades enumeradas, considero que as minhas capacidades foram sendo aperfeiçoadas devido ao importante contributo da experiência supervisionada da prática educativa. Penso que apesar de estar sempre presente uma grande preparação prévia com um sem número de estratégias e atividades dinâmicas pensadas, quando estamos no “terreno” muitas vezes todas estas teorias não se aplicam e não fazem sentido para aquele grupo de alunos, que está perante nós e que vê em nós um exemplo do qual nada pode falhar.

Relativamente às planificações, tive sempre o cuidado de interligar, nas atividades realizadas, os conteúdos das diferentes áreas.

No contexto de creche o trabalho individualizado foi neste sentido um ponto positivo, pois para além de ter conseguido criar uma relação adulto-criança mais forte, foi fundamental para perceber as necessidades das crianças, do que mais gostavam, do que não gostavam, e simultaneamente conseguir potenciar o diálogo desenvolvendo o seu nível de linguagem e criando laços afetivos fundamentais para o bem-estar e desenvolvimento integral da criança. Estes momentos de interação adulto-criança deram ainda para ter mais atenção à criança percebendo as suas dificuldades e apoiando-a para ultrapassá-las, fosse ao nível da autonomia, fosse ao nível das aprendizagens motoras ou cognitivas ou até mesmo ao nível do desenvolvimento relacional e gestão de conflitos.

Relativamente às dificuldades sentidas neste estágio, ocorreram principalmente nos momentos onde um grupo de crianças estava na mesa de trabalho a terminar tarefas e outro grupo de crianças encontrava-se na brincadeira livre. Sentia que de alguma maneira não conseguia gerir todo o grupo de crianças, tarefa essencial para ser uma futura boa

educadora. Tinha a percepção de que deveria estar mais atenta aos que estavam a fazer a atividade dirigida, mas simultaneamente sentia que as crianças da brincadeira livre também necessitavam de apoio para explorar, para brincar, para trabalhar a brincadeira simbólica e para estar lá como elemento de apoio às aprendizagens.

Ao longo de todos os estágios considero extremamente importante referir o trabalho desenvolvido com o par de estágio. O trabalho cooperativo é uma ajuda imprescindível para o crescimento profissional e para a reflexão sobre a minha prática educativa. O apoio mútuo, tanto na construção das planificações, como na construção de materiais didáticos para a dinamização das atividades foi sem dúvida uma mais valia que deve ser referida. As minhas capacidades reflexivas através de conversas com o par de estágio ajudaram na minha evolução profissional, pois existiam sempre aspetos a melhorar ou a adaptar que por vezes nem dava conta mas que eram essenciais de refletir. O feedback da colega que estava a apoiar foi um apoio fundamental para o crescimento profissional.

3. Percurso Investigativo

Antes de chegar à minha questão passei por muitas outras, a minha primeira escolha era para as atividades experimentais, pois era uma área que parecia que me interessava, mas depois e durante o 1.º estágio de 1.º ciclo vi que não era esse o caminho a seguir.

Posteriormente, e como a matemática é uma área que me fascina ainda pensei em fazer algo de matemática, mas nunca me surgiu uma ideia concreta.

A minha questão de investigação surgiu durante o meu primeiro estágio de 1.º ciclo, onde, após observar, de uma forma informal, as diferentes brincadeiras, reproduzidas pelos alunos, no momento em que se encontravam no recreio escolar. Desta forma decidi seguir esta problemática, tendo como principais questões orientadoras:

- Quais as principais diferenças entre meninos e meninas nas suas brincadeiras de recreio na perspetiva de docentes de 1.º ciclo e do pré-escolar.

Assim e para fazer esta pesquisa defini como principais objetivos:

- Perceber que tipos de grupos existem entre meninos e meninas nas suas brincadeiras de recreio.
- Perceber se os meninos e as meninas gostam de brincar em conjunto;
- Perceber quais as brincadeiras preferenciais dos meninos e meninas no recreio e porquê;
- Perceber se a diferença de género se retrata nas brincadeiras de recreio;
- Comparar as brincadeiras de recreio no pré-escolar e 1º ciclo;

Desta forma fui fazendo algumas leituras para me inteirar do tema a que me propus estudar, conseguindo assim perceber algumas das diferenças/semelhanças das crianças na realização das suas brincadeiras e avançou para um exercício investigativo de cariz qualitativo, através do qual foi permitido auscultar as ideias dos Docentes, tanto do 1.º Ciclo, como da Educação pré-escolar, no que diz respeito às diferenças/semelhanças de género nas brincadeiras das crianças no recreio.

Parte II- Questão de Pesquisa

1. Definição da questão de pesquisa

A questão de pesquisa foi desenvolvida sobretudo no último contexto de estágio, em 1.º ciclo, embora tenha surgido num estágio anterior também em 1.º Ciclo. Para a realização do exercício dirigi-me também ao Pré-Escolar de forma a escutar Docentes da Educação Pré-Escolar. Deste modo a minha temática de pesquisa designa-se de “Brincadeiras de recreio entre meninos e meninas - Perspetivas de docentes do 1º Ciclo e Educação Pré-Escolar”.

1.1 Objetivo principal

O objetivo principal deste trabalho foi perceber qual a visão dos docentes sobre as diferenças nas brincadeiras de recreio realizadas pelos e meninos e pelas meninas, bem como:

- Perceber se os meninos e as meninas gostam de brincar em conjunto, pela visão dos docentes
- Perceber quais as brincadeiras preferenciais dos meninos e meninas no recreio segundo os docentes;
- Perceber se a diferença de género se retrata nas brincadeiras de recreio, na perspetiva dos docentes
- Comparar a visão dos docentes sobre as brincadeiras de recreio no pré-escolar e 1º ciclo.

1.2 Sujeitos do estudo/participantes

O estudo realizado consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas a três docentes do 1.º ciclo e a duas docentes da educação Pré-escolar com idades compreendidas entre os 38 e os 49 anos.

Professor 1	Licenciado em Professor do 1.º ciclo do Ensino Básico, exercendo as suas funções como professor há 14 anos
Professor 2	Licenciada em Professora do 1.º ciclo do Ensino Básico, exercendo as suas funções como professora há 20 anos
Professor 3	Licenciada em Professora do 1.º ciclo do Ensino Básico, exercendo as suas funções há 23 anos
Educadora 1	Licenciada Em Educação de Infância, exercendo as suas funções há 20 anos
Educadora 2	Licenciada em Educação de Infância, exercendo as suas funções há 10 anos

Abordagem metodológica

Neste exercício investigativo, a abordagem metodológica é do tipo qualitativo, com recurso a entrevistas semiestruturadas para a recolha de dados.

1.1- Metodologia qualitativa

Para a minha investigação adotei uma investigação qualitativa, pois segundo Fernandes, (1991) esta inspira-se na investigação etnográfica, ou seja o estudo de comportamentos, aprofundando o que está por detrás desses comportamentos e atitudes.

Segundo Bento, (abril de 2012) “A investigação qualitativa foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas perceções dos sujeitos; o objetivo é compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações em vez de através de números. A investigação qualitativa normalmente ocorre em situações

naturais em contraste com a investigação quantitativa que exige controlo e manipulação de comportamentos e lugares”.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a expressão investigação qualitativa agrupa várias estratégias de investigação que partilham determinadas características. Neste tipo de investigação, os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em fenómenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico (Bogdan & Biklen, 1994, 16). Uma metodologia qualitativa sugere que o investigador seja observador, emitindo juízos de valor e ao mesmo tempo tenha a capacidade de analisar. É necessária uma capacidade interpretativa, por parte do investigador, para que nunca perca o desenvolvimento do acontecimento (Meirinhos & Osório, 2010).

No meu caso optei por fazer entrevistas semiestruturadas, pois era o método que se mostrava mais eficaz para a obtenção das respostas desejadas.

1.2- Entrevistas semiestruturadas

Para a recolha de dados tive como principais opções metodológicas, as entrevistas semiestruturadas, pois as mesmas se mostravam mais adequadas para o tipo de estudo que pretendi desenvolver.

A entrevista “consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma delas com o objetivo de obter informações sobre a outra” (Morgan, 1988, citado em Bogdan & Biklen. 1994).

Uma entrevista semiestruturada, assenta na combinação de perguntas abertas e fechadas onde o guião, previamente preparado, apenas serve de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista, este não exige uma ordem rígida nas questões. Tal como as entrevistas estruturadas estas também têm vantagens e desvantagens, as principais vantagens são, o facto de possibilitar a otimização do tempo, permite o tratamento mais sistemático dos dados, permitindo a seleção de temáticas específicas para o seu aprofundamento, permite também a introdução de novas questões, este tipo de entrevistas está mais direcionado para entrevistas de grupo. As principais desvantagens debatem-se

com a boa preparação por parte do entrevistador e não facilita o trabalho no que diz respeito à comparação das respostas dadas.

Para o uso deste instrumento de recolha de dados devemos passar por três fases importantes:

- **Planificação**- uma boa planificação requer, uma boa seleção dos entrevistados, em que se deve ter um conhecimento prévio dos mesmos, especificar as variáveis que se pretende estudar, definir uma lista de questões ou tópicos a serem abordados na entrevista, considerar diferentes formatos de questões, questões que permitam respostas muito abertas e plurissignificativas, adquirir material de apoio de qualidade (gravador, etc.), preparar o local onde se realizará a entrevista e verificar/assegurar a disponibilidade dos entrevistados para a realização da entrevista, informar os entrevistados sobre a duração prevista, o motivo da sua seleção, o objetivo da entrevista e a importância do seu contributo, Garantir a confidencialidade da identidade e respostas do entrevistado, interiorizar o roteiro da entrevista (fazer uma entrevista piloto com o roteiro é fundamental para evitar falhas no momento da realização das entrevistas).
- **Execução**- Relembrar os objetivos e a natureza da entrevista, explicar como se vai proceder ao registo das respostas, assegurar a formulação de questões que permitam o registo de informações de âmbito geral sobre o entrevistado (nome, idade, profissão, cargos que desempenha,), utilizar linguagem acessível ao entrevistado, conduzir a entrevista de maneira que o entrevistado se sinta à vontade, obter e manter a confiança, evitar influenciar as respostas do entrevistado, não se deixar influenciar pelas suas próprias predisposições, as suas opiniões ou curiosidades, evitar afastar-se do formato e do guião da entrevista, motivar o entrevistado a responder, impedir, gentilmente, as divagações do entrevistado, gerir

o tempo da entrevista de maneira a que o tempo previamente acordado não se prolongue, enquadrar as perguntas delicadas.

- Tratamento da informação- efetuar várias leituras para conferir o rigor da transcrição, fornecer as transcrições aos entrevistados, para que as mesmas sejam validadas, selecionar para análise apenas a informação que está diretamente relacionada com os objetivos do estudo, interpretar os dados obtidos, analisar as reflexões, conexões e interações entre os dados obtidos, discutir os dados com base na teoria, ser objetivo na interpretação e construção de categorias, evitar a tendência natural de tentar extrair do material empírico elementos que confirmem as suas hipóteses de trabalho e/ou os pressupostos das suas teorias de referência, usar software para análise de dados quantitativos.

2. Enquadramento teórico

2.1 Diferença entre género e sexo

Ao estudarmos as questões de género remetemos para diferentes temáticas: género, sexo e desigualdade/ igualdade de género.

Muitas vezes os termos “sexo” e “género” aparecem associados, parecendo muitas vezes sinónimos, o que acaba por transmitir uma ideia errada ao recetor.

Deste modo é fundamental fazer uma distinção entre o conceito de género e sexo, em que podemos afirmar que o conceito de sexo pertence ao domínio da biologia e traduz assim o conjunto de características biológicas e fisiológicas que fazem a distinção entre homem e mulher.

Por outro lado, o conceito de género é um conceito mais social que nos remete para as diferenças que não sejam de caráter biológico, mas que resultam de um processo de socialização. Assim o conceito de género descreve o conjunto de qualidades e de comportamentos que são esperados pela sociedade, nas atitudes dos homens e das mulheres, formando deste modo a sua identidade social.

Desde muito cedo que se começam a fazer diferenciações entre meninos e meninas, apesar de nos primeiros meses de vida existirem mais semelhanças do que diferenças, os pais começam logo a fazer a diferença de género, nomeadamente nas cores que vestem, no nome que escolhem, e criam espaços de estar e conforto com as características específicas para menino ou menina, fazendo prever se a criança é do sexo feminino ou masculino. Assim sendo, e como nos refere o Guião de Género e Cidadania do pré – escolar (2010) *“podemos afirmar que o sexo, para além de ser um fator biológico, é também um fator social e cultural, uma vez que as pessoas tendem a agir de forma diferente perante crianças do sexo masculino e do sexo feminino”*

Devemos elucidar que as diferenças entre sexos não estão só presentes na categoria biológica que adquirem à nascença, mas sim também nas vivências culturais que adquirem, daí existir a necessidade de se fazer a distinção entre sexo e género.

Segundo Oakley, (1972) *“o sexo com que nascemos diz respeito às características anatómicas e fisiológicas que legitimam a diferenciação, em termos biológicos, entre masculino e feminino”*. Por outro lado o género que possuímos englobam os atributos psicológicos e as aquisições culturais que o homem adquire ao longo da sua vida, e que tendem a ser associadas ao termo *masculinidade e feminilidade*.

Outros autores como Trigueiros et al (1999) afirmam que “ *o termo sexo inclui os aspetos relacionados com a diferença biológica e, o termo género inclui as características socialmente consideradas, como sendo próprias dos homens ou das mulheres*” refutando assim a ideia de que género e sexo são termos diferentes e que não devem ser tidos como sinónimos.

Também Silva (1999:16) refere que o sexo é tido como uma característica biológica que faz a diferenciação dos seres humanos enquanto género é uma característica que se constroi socialmente, referindo assim que “ *o género depende do tempo e do lugar, da organização da economia e da repartição social das tarefas entre homens e mulheres, das percepções e expectativas que um dado grupo humano tem em relação a cada género. Em cada pessoa, qualquer que seja o seu sexo, existem sempre componentes de género, masculinas e femininas, estritamente imbricadas*”.

O conceito de género é assim o principal elemento estruturador das relações sociais, pois influencia a maneira como homens e mulheres se relacionam e e como os mesmos se avaliam em relação às suas preferências e aptidões.

Em suma, o termo sexo pertence ao domínio da biologia e o de género no domínio da cultura.

2.2 De que falamos quando falamos em igualdade de género

A igualdade de género (igualdade entre homens e mulheres) refere-se à igualdade de direitos, de oportunidades e de reconhecimento e valorização de homens e mulheres em todos os domínios da sociedade.

De acordo com a Comissão para a cidadania e Igualdade de Género (2007:182) igualdade de género significa

“ (...) por um lado, que todos os seres humanos são livres de desenvolver as suas capacidades pessoais e de fazer opções, independentemente dos papéis atribuídos a homens e mulheres e, por outro lado, que os diversos comportamentos, aspirações e necessidades de mulheres e homens são igualmente considerados e valorizados”

Comissão para a cidadania e Igualdade de Género (2007:182)

Falar em igualdade de género torna-se assim fundamental , pois atualmente a participação das mulheres no mercado de trabalho tem vindo a crescer, aumentando assim as oportunidades iguais tanto para homens como para mulheres.

2.3 Género em ambiente escolar

No que concerne a educação, estudos recentes mostram que os educadores são, muitas vezes propensos a fazer estereótipos de género, nomeadamente na organização de espaços e até nas atividades e conversas que efetuam com os pais.

O género é umas das primeiras categorias que a criança adquire, aprendendo a comportar-se de acordo com os modelos observados sobre masculinidade e feminilidade. Este comportamento deve-se à ligação que existe entre fatores individuais e culturais, nomeadamente no relacionamento que têm com o pai e com a mãe, com amigos e com outras pessoas importantes do seu ciclo social.

Investigações do domínio da psicologia, mostram que as crianças tomam consciência do género, muito antes da consciência do seu sexo. Algumas influências do exterior podem provocar alterações nas componentes de género e nas suas manifestações situacionais. Nas diferentes situações diárias pode-se observar claramente que grupos de crianças, formados por iniciativa própria, dão grande importância às questões de género, especialmente durante os primeiros 10 anos da sua vida.

Eleanor Maccoby (1988) citada em Guião de Género e Cidadania, defendeu que *“as crianças escolhem brincar com outras do mesmo sexo porque o processo cognitivo de categorização social, por elas efetuado, é de tal maneira forte que a sua opção, a este nível, deve ser encarada como parte integrante da formação da identidade de género”*.

No entanto é importante referir que existe uma grande importância na relação que as crianças criam entre as outras crianças de ambos os sexos, sendo a primeira etapa do seu desenvolvimento, a formação da identidade de género. Esta constrói-se através da observação do mundo que as rodeia, nomeadamente nas atitudes dos adultos que as rodeiam, onde captam muito mais as diferenças exteriores do que as interiores. É através desta observação que a criança escolhe o grupo onde se quer incluir. Nesta formação a criança começa a ter conhecimento de género e não só imitar o que pertence ao seu sexo, estas escolhas estão relacionadas com o seu desenvolvimento cognitivo, ou seja o seu nível de compreensão do mundo que os rodeia e do seu papel no mesmo.

Esta formação dá-se nas crianças durante a transição para o período das operações concretas, ou seja, entre os 2 e os 7 anos, em que a criança começa a compreender determinadas categorias sociais, como o caso do género.

Segundo Lawrence Kohlberg (1966) citado em Guião de Género e Cidadania, para que a criança se sinta motivada a valorizar os outros do mesmo sexo e inicie o processo de

ensaio/ imitação dos comportamentos, tem de estar assegurada a estabilidade do seu género; ou seja, tem de ter consciência de que ainda que algumas características externas ou o próprio comportamento, exibido em situações particulares, venham a sofrer modificações, o sexo e a identidade de género do indivíduo são invariáveis.

É importante referir que durante a infância a distinção entre os sexos remete para a prevalência, no pensamento da criança, de duas categorias, a dos homens e a das mulheres, categorias essas diretamente ligadas a um processo prévio de categorização social que teve como fundamento as diferenças físicas aparentes entre os sexos.

As interações entre crianças e entre jovens são um dos mais ricos e relevantes contextos de aplicação de perspetivas de análise que se centram no papel ativo dos indivíduos na produção quotidiana do género.

2.4 O recreio

É no recreio que as crianças e jovens aprendem os valores essenciais na relação com os outros e se molda o seu carácter. Aprendem a conhecer o valor da amizade, a exercitar a coragem, a respeitar a diferença, a apreciar a lealdade, enquanto ,e em simultâneo, são expostos ao inverso de tudo isto, aprendendo a reconhecer em quem confiar e, pelo contrário, que amigos evitar.

O tempo passado em jogo livre é essencial para o bem-estar da criança, a vários níveis. Através dos jogos de movimento, a criança exercita a força muscular, o equilíbrio, a resistência, a flexibilidade e a coordenação. Do ponto de vista do rendimento académico, está provado que o tempo de recreio favorece a função cognitiva, com aumento do tempo de atenção e participação na aula e uma melhoria geral do comportamento. Do ponto de vista social e emocional, o recreio é fundamental para estabelecer relações com os colegas, construir e desenvolver amizades, aprender a gerir conflitos e tensões interpessoais e a tornar-se resiliente.

O recreio é, por excelência, um espaço de encontro com o outro onde a criança exercita diversas competências sociais. Ao brincar, a criança partilha, coopera, comunica, adapta-se, escolhe, decide... Portanto, aprende a estar com o outro e constrói-se como ser social.

Segundo Lopes (2006) a palavra “recreio” poderá ter dois significados: o espaço e o tempo: Espaço onde a criança desenvolve atividades livremente; tempo o intervalo. Para Marques (2000) e Pereira et. al, (2003) referem que os espaços de recreio são locais preferidos, porque as crianças são livres e podem escolher os amigos e as atividades a

realizar, ou até mesmo optar por não fazer nada. Pela perspectiva de Pellegrini & Smith (1993) o recreio escolar é um período de pausa, ao ar livre. Ocorre, normalmente num local específico para o efeito, no entanto, já existem escolas que têm espaços interiores e nos dias em que as condições climatéricas não permitem, esse espaço será utilizado. Assim, a criança pode preferir com quem se relacionar e o que fazer sem a influência de adultos assumindo o recreio um grande valor como agente de socialização Mesquita (2010).

Para Neto (citado por Couto, 2011) o recreio é importantíssimo pois, é o único momento do dia ou o único local onde a criança tem oportunidade para fazer amigos e explorar o tempo livre. É o espaço mais valioso da escola, mas contrariamente o mais pobre e mal tratado, uma vez que é o último lugar onde se investe.

2.5 A importância do brincar

O brincar é algo fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois é através das brincadeiras que as crianças se definem como seres e muitas vezes desenvolvem a sua autonomia e confiança.

Segundo Hohmann e Weikart (2011: pág.87) *“Brincar é agradável, espontâneo, criativo e imprevisível”*, pois para as crianças qualquer tipo de brincadeira seja livre ou orientada, transmite-lhes satisfação e prazer conduzindo deste modo para aprendizagens significativas.

O brincar é bastante fundamental para que a criança se desenvolva e consiga o seu papel na sociedade, pois as brincadeiras da criança são o retrato do que ela projeta da sua própria visão da sociedade que a rodeia. Desta forma quando uma criança brinca ao faz de conta ela está a preparar-se para a vida interpretando papéis cruciais da vida em sociedade.

Muitas vezes quando uma criança brinca livremente com os seus próprios mecanismos acabam, muitas das vezes, por encontrar soluções para os problemas que as atormentam Moyles, (2002:69), assim o brincar torna-se fundamental porque enquanto a criança estimula o desenvolvimento intelectual a todos os níveis, também aprende a preparar-se para tarefas específicas dos adultos.

Desta forma podemos afirmar que o brincar não aparece separado da realidade, mas sim como um dos meios de atuar do mundo. A brincadeira, não surge apenas como uma forma das crianças se prepararem para o mundo, mas também, para participarem neste. (Ferreira, 2004:84)

O brincar é também o momento em que a criança cria oportunidades para estabelecer relações com outras crianças. O brincar é visto logo desde muito cedo como

um momento de aprendizagens, segundo Portugal (2008:18) “ Quando a criança desenha, pinta, dança, constroi, esculpe, faz música... ou brinca, ela envolve-se ativamente num processo de atribuição de de sentido, de forma única, individual, à sua medida” desta forma é fundamental que todas as crianças tenham os seus momentos de brincadeira de forma a se construírem como indivíduos e desenvolvam assim as capacidades intelectuais, o raciocínio e a destreza motora.

3. Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados, realizada através das entrevistas semiestruturadas, implicou a realização de um guião próprio (Anexo1), e em conformidade com os objetivos que decorreram da problematização da respetiva investigação.

Neste sentido o guião de entrevista foi construído de acordo com os objetivos do estudo, pretendendo caracterizar as conceções dos docentes relativamente à temática em estudo.

A estrutura do guião está organizada por objetivos, questões e tópicos.

O guião dos docentes foi estruturado em quatro blocos, cada um com os objetivos e questões específicas.

O primeiro bloco destina-se à identificação dos entrevistados, bem como à legitimação da entrevista onde informo os entrevistados da natureza do estudo e os principais objetivos da entrevista.

No segundo bloco pretendo recolher informação sobre a posição do entrevistado sobre a temática em estudo.

No terceiro bloco pretendo analisar os princípios pedagógicos que os entrevistados promovem de forma a promover a igualdade de género.

No quarto e último bloco, pretendo recolher algumas sugestões dos docentes para melhorar a nossa ação sobre as questões de género

Para a Elaboração deste guião tive em consideração os seguintes pontos:

1. Verificar se existem brincadeiras de meninos e meninas no recreio. Se sim, quais.
2. Quais as idades que se verifica uma maior diferença nessas brincadeiras.
3. Se no recreio, predominam atividades livres ou atividades orientadas.
4. Como caracterizam o recreio em termos gerais e em termos de género.
5. Se existem diferenças nas atividades feitas pelas raparigas e pelos rapazes. Se sim, quais.
6. Saber se Promovem brincadeiras que englobem meninos e meninas sem fazendo qualquer tipo de diferenciação.
7. Saber se mesmo inconscientemente, agem ou possuem atitudes que possam revelar às crianças essa diferenciação entre os meninos e as meninas.
8. Sugestões a fazer para que se possa melhorar a nossa ação sobre essa questão.

Posteriormente à realização das entrevistas será feita a análise de dados, desta forma realizei algumas leituras para perceber como seria feita a análise de conteúdos.

Desta forma e segundo Jack e James(2004:5) podemos definir análise de conteúdo como “um método de pesquisa em que o pesquisador procura objetivamente descrever o conteúdo de mensagens previamente elaboradas”

Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

4. Análise de dados e principais conclusões

De forma a analisar os dados obtidos através das entrevistas aos docentes, organizei os dados em quadros para uma melhor análise e leitura dos mesmos.

Num primeiro momento realizei a transcrição de todas as entrevistas , seguida de análise das mesmas, onde elaborei um quadro (Anexo 2), este quadro tem como finalidade facilitar a leitura dos dados obtidos em cada questão.

Após a elaboração deste quadro onde foram sintetizados todos os dados recolhidos realizei um novo quadro com as categorias que surgiram da análise das respostas, de forma a conseguir retirar a informação pretendida com as questões efetuadas nas entrevistas (Anexo 3).

Desta forma e relativamente às entrevistas realizadas aos docentes resultaram as seguintes categorias:

- Perspetiva dos docentes das representações das brincadeiras dos meninos e meninas;
- Identificação das atividades das crianças predominantes no recreio;
- Atitudes dos docentes face às questões de género no recreio;
- Sugestões para promover a igualdade de género;

5. Apresentação e análise dos dados

5.1. Análise das respostas dos Docentes de 1.º Ciclo

Depois de agrupar as respostas por categoria foram obtidas diferentes respostas, desta forma o professor 1 para a Categoria “Perspetiva dos docentes das representações das brincadeiras dos meninos e meninas” e subcategoria “Porque é que Existem diferenças nas brincadeiras” respondeu que *“Talvez porque os mais novos ainda não perceberam os objetivos dos jogos e depois não querem brincar.”*,

No que diz respeito à categoria “ Identificação das atividades das crianças predominantes no recreio”, subcategoria “ Atividades Livres ou atividades orientadas” o mesmo professor afirma que no recreio *predominam “ Atividades livres e orientadas pelas auxiliares”*, na subcategoria “Existência das diferenças nas brincadeiras de recreio, responde que *“Não, neste momento acho que não”*.

Na categoria “Atitudes dos docentes face às questões de género no recreio” respondeu que *“A estratégia é não diferenciar rapariga de rapaz, incentivá-los a participar.”*

Na ultima Categoria, “Sugestões para promover a igualdade de género no recreio” o professor 1 não respondeu.

O professor 2 para a Categoria “Perspetiva dos docentes das representações das brincadeiras dos meninos e meninas” e subcategorias “ Brincadeiras de meninos” e “ Brincadeiras de Meninas” respondeu que as brincadeiras de meninos são *“Jogar futebol ou Simular Lutas”* enquanto que as de meninas são : *“As meninas gostam de brincar com bonecas, imitar os adultos (...)”* na subcategoria “ Porque é que existem diferenças nas brincadeiras” esta professora responde : *“Porque definem personalidade e começam a ter gostos pessoais ou por imitação aos seus “ídolos.”*

No que diz respeito à categoria “ Identificação das atividades das crianças predominantes no recreio”, subcategoria “ Atividades Livres ou atividades orientadas” o mesmo professor afirma que no recreio *“Predominam atividades livres do gosto dos alunos”* “na subcategoria “Existência das diferenças nas brincadeiras de recreio, responde que : *“As atividades dos meninos são mais agressivas e ruidosas.”*

Na categoria “Atitudes dos docentes face às questões de género no recreio” respondeu que a estratégia é: *“Fazer grupos equilibrados em género, capacidades, participação, entre- ajuda...”*

Na ultima Categoria, “Sugestões para promover a igualdade de género no recreio” o Professor 2 sugeriu que *“Existem monitores para dinamizar atividades nos recreios.”*

O professor 3 para a Categoria “Perspetiva dos docentes das representações das brincadeiras dos meninos e meninas” e subcategorias “ Brincadeiras de meninos” e “ Brincadeiras de Meninas” respondeu que as brincadeiras de meninos são:” *Os meninos Jogam Futebol e simulam lutas*” enquanto que as de meninas são : “(...) *as meninas gostam de brincar com bonecas e fazem alguns jogos.*”na subcategoria “ Porque é que existem diferenças nas brincadeiras” esta professora responde : “*porque é nessa altura que definem a personalidade e começam a revelar gostos muito pessoais.*”

No que diz respeito à categoria “ Identificação das atividades das crianças predominantes no recreio”, subcategoria “ Atividades Livres ou atividades orientadas” o mesmo professor afirma que no recreio: “*Predominam atividades de caráter livre de acordo com os gostos pessoais de cada aluno.*”, na subcategoria “Existência das diferenças nas brincadeiras de recreio, responde que “*As atividades praticadas pelos meninos são mais ruidosas, tornando-se por vezes agressivas sendo necessário a intervenção do adulto vigilante.*”

Na categoria “Atitudes dos docentes face às questões de género no recreio” respondeu que a estratégia é: : “*Fazendo grupos equilibrados em género, capacidades, participação, entre- ajuda.*”

Na ultima Categoria, “Sugestões para promover a igualdade de género no recreio” o Professor 3 sugeriu que deveria : “*Haver monitores para dinamizar algumas atividades nos recreios.*”

Após analisar as respostas obtidas relativamente às categorias resultantes, posso concluir que os docentes do 1.º ciclo consideram que existem diferenças nas brincadeiras dos meninos e das meninas, pois como afirmam o professor 3 ” *Os meninos Jogam Futebol e simulam lutas*” enquanto que “(...) *as meninas gostam de brincar com bonecas e fazem alguns jogos.*” o professor 2 é da mesma opinião do professor 3. Perguntei também o proquê da existencia dessas diferenças em que o professor 1 me disse que essas diferenças existem porque “*Talvez porque os mais novos ainda não perceberam os objetivos dos jogos e depois não querem brincar.*”, já o professor 2 afirma que “(...) *definem personalidade e começam a ter gostos pessoais ou por imitação aos seus “ídolos”,* Estas diferenças na opinião deve-se às idades das crianças, pois as diferenças nas brincadeiras são notórias quando as crianças são mais crescidas. De acordo com Piaget citado por Seixas (2013:22) “na segunda Infância surge o jogo simbólico essencialmente pré cooperativo, ou seja cada criança brinca com cada outra embora cada qual muito centrada na sua própria razão, percurso e discurso”

Por outro lado, por volta dos 6-7 anos já surge uma brincadeira associativa ou cooperativa em conjunto com outras crianças, o que leva a que os meninos e as meninas escolham brincadeiras diferentes, pois a criança encontra-se num período em que iniciam jogos com regras, como afirma Seixas (2013:23) é na idade escolar que existe o “aparecimento do jogo social, não mais o simples paralelismo de atividades mas a integração da criança num grupo capaz de perseguir um fim comum”.

No que concerne às diferenças das brincadeiras os docentes do 1.º ciclo relatam quase todos que as brincadeiras dos meninos são geralmente mais violentas e ruidosas do que as das meninas, tal como afirma a professora 3 “As atividades dos meninos são mais agressivas e ruidosas”.

No que diz respeito às atividades que predominam no recreio, os docentes do 1.º ciclo referem que as atividades predominantes são as de carácter livre. Pois para a maioria dos docentes o recreio é um lugar em que as crianças devem descomprimir um pouco, pois encontram-se geralmente muito tempo fechados dentro de uma sala de aula, como refere o professor 1 “O recreio é um lugar de lazer e descompressão do tempo que estão fechados na sala de aula”.

Relativamente à atitude dos docentes face às questões de género todos os docentes de 1.º ciclo referem que não fazem qualquer tipo de diferenciação, mas ao analisar bem a resposta da professora 2 no que se refere às estratégias utilizadas para a não discriminação noto que inconscientemente a mesma realiza alguma discriminação pois refere que “Fazer grupos equilibrados em género, capacidades, participação, entre-ajuda...” Ou seja a professora 2 procura fazer grupos onde as crianças possuam todas as mesmas capacidades diferenciando assim as que têm maiores capacidades das que têm menos capacidades, referindo também que faz grupos com equilíbrio de género.

No que diz respeito a sugestões dadas pelos docentes para que no futuro a minha ação sobre as questões de género, a maioria não conseguiu responder claramente à questão em que duas docentes do 1.º ciclo propõem a existencia de monitores no recreio, o que não ajuda na diferenciação das brincadeiras de recreio, um dos docentes não respondeu a esta questão o que me deixa a pensar que ainda existe um grande percurso a percorrer no que diz respeito à opinião dos professores no melhoramento das questões de igualdade de género.

5.2 Análise das respostas dos Docentes do Pré-Escolar

Depois de agrupar as respostras por categoria foram obtidas diferentes respostas, a Educadora 1 para a Categoria “Perspetiva dos docentes das representações das brincadeiras dos meninos e meninas” e subcategorias “ Brincadeiras de meninos” e “ Brincadeiras de Meninas” respondeu que: *“Não existem diferenças”* na subcategoria “ Porque é que existem diferenças nas brincadeiras” esta Educadora responde : *“Não existem diferenças”*

No que diz respeito à categoria “ Identificação das atividades das crianças predominantes no recreio”, subcategoria “ Atividades Livres ou atividades orientadas” a mesma afirma que no recreio as atividades são:” *Um as vezes livres, outras vezes orientadas.*”na subcategoria “Existência das diferenças nas brincadeiras de recreio, responde que : *“Não se notam diferenças nessas atividades.”*

Na categoria “Atitudes dos docentes face às questões de género no recreio” respondeu que a estratégia é: *“As brincadeiras feitas são comuns aos dois sexos.”*

Na ultima Categoria, “Sugestões para promover a igualdade de género no recreio” a Educadora 1 sugeriu que: *“As atividades feitas com as crianças desta idade (4 anos) e com as restantes idades, não poderá ter diferenciação pois as crianças partilham os mesmos gostos.”*

A Educadora 2 para a Categoria “Perspetiva dos docentes das representações das brincadeiras dos meninos e meninas” e subcategorias “ Brincadeiras de meninos” e “ Brincadeiras de Meninas” respondeu que as brincadeiras de meninos são” já as meninas *“(…) brincam aos médicos e professores”* na subcategoria “ Porque é que existem diferenças nas brincadeiras” esta Educadora responde : *“Acho que os desenhos animados para os meninos são mais agitados e os das meninas mais tranquilos”*

No que diz respeito à categoria “ Identificação das atividades das crianças predominantes no recreio”, subcategoria “ Atividades Livres ou atividades orientadas” a mesma afirma que no recreio: *“Existem Atividades livres e orientadas, mediante a altura do dia, pois as crianças necessitam de atividades livres para desenvolverem a sua criatividade”* na subcategoria “Existência das diferenças nas brincadeiras de recreio, responde que : *“Não”*

Na categoria “Atitudes dos docentes face às questões de género no recreio” respondeu que:”*Realizo jogos onde todos possam participar, sem diferenciações e sem eliminações.*”

Na ultima Categoria, “Sugestões para promover a igualdade de género no recreio” a Educadora 2 responde que :”. *Na minha opinião, acho que as crianças necessitam de ar livre, de correrem e brincarem livremente. Os profissionais devem proporcionar momentos que possam ir mais ao exterior, como piqueniques, passeios ao parque, uma simples volta ficam felizes.”*

Após analisar as respostas obtidas relativamente às categorias resultantes, posso concluir que os docentes do Ensino Pré- Escolar uma das Educadoras não considera que existam diferenças entre meninos e meninas nas idades do Pré- Escolar Educadora 1” Não existem diferenças”, por outro lado a Educadora 2 considera que essas diferenças são notórias em que os meninos brncam “ às lutas, imitando figuras dos desenhos animados” em quanto que as meninas preferem “ brincar aos médicos e professores”.

Esta mesma educadora considera que a principal causa para a existência destas brincadeiras são os desenhos animados, pois considera que “ Os desenhos animados para os meninos são mais agitados e os das meninas mais tranquilos”. Segundo Piaget é entre os 2 e os 4 anos que surge o jogo simbólico, onde cada criança brinca com cada outra, embora cada qual muito centrada na sua própria razão. É também nesta idade que a criança finge ser alguém diferente de si mesma (um Bombeiro, uma professora), onde existe uma realização de desejos nas brincadeiras.

No que diz respeito ao tipo de atividades realizadas no recreio ambas as Docentes referem que tanto existem atividades livres como orientadas, pois como refere a Educadora 2 “Existem Atividades livres e orientadas, mediante a altura do dia, pois as crianças necessitam de atividades livres para desenvolverem a sua criatividade”.

Relativamente à atitude dos Docentes face às nquestões de género a Educadora 1 refere que “ As brincadeiras são comuns aos dois sexos”, enquanto que a Educadora 2 realiza” Jogos onde todos possam participar, sem diferenciação e sem eliminações.

No que diz respeito a sugestões dadas pelos docentes para que no futuro a minha ação sobre as questões de género, ambas dão sugestões que se mostram úteis para a prática profissional, pois a Educadora 1 refere que “ As atividades feitas com as crianças desta idade (4 anos) e com as restantes idades, não poderá ter diferenciação pois as crianças partilham os mesmos gostos.”, já a Educadora 2 dá sugestões para se aproveitar mais o exterior “Na minha opinião, acho que as crianças necessitam de ar livre, de correrem e brincarem livremente. Os profissionais devem proporcionar momentos que possam ir mais ao exterior, como piqueniques, passeios ao parque, uma simples volta ficam felizes.”.

As educadoras mostram ter algum conhecimento nestas questões, pois ambas dão sugestões da ação sobre a temática.

5.3- Síntese Comparativa dos resultados

Depois de analisar os dados tanto dos docentes de 1.º ciclo como os de Pré- escolar reparei que existem algumas diferenças nas opiniões, talvez pela diferença de idades com que estavam a trabalhar na altura da realização das Entrevistas, pois as Educadoras encontravam-se com crianças de apenas 4 anos.

No que diz respeito às brincadeiras dos meninos e das meninas os professores de 1.º ciclo referem umas diferenças significativas, diferenças essas que a Educadora 2 refere como as mesmas, mas a Educadora 1 não considera existirem diferenças entre meninos e meninas aos 4 anos (idade das crianças da sua sala).

No que diz respeito ao tipo de atividades, as mesmas são ligeiramente diferentes, pois no recreio do 1.º ciclo é raro a existência de atividades orientadas, enquanto que no recreio do pré-escolar, neste caso de uma IPSS, as atividades tanto podem ser livres, como orientadas.

Tanto os professores de 1.º ciclo como as Educadoras tentam promover atividades integradoras de género, tentando sempre não discriminar nem fazer distinção de género, apesar de uma das professoras o fazer inconscientemente.

Quase todos os docentes dão sugestões para a minha ação no futuro, mas as educadoras dão sugestões mais concretas, pois no pré escolar é mais comum a existencia de um docente no espaço do recreio.

6. Considerações finais

Ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, um percurso de muito trabalho e de muita exigência, todas as pessoas e experiências vividas foram um importante meio de transmissão e consolidação de conhecimentos: desde docentes, supervisores, professores/educadores cooperantes, até às próprias crianças. O contacto com estas foi sem dúvida um grande apoio para a minha evolução enquanto profissional de educação.

As unidades curriculares deram um contributo muito significativo e específico dentro da área que abrangiam e os estágios conseguiram fazer a ponte com a teoria abordada nas aulas. Penso que esta articulação entre a prática e a teoria foi sem dúvida atingida com a ajuda dos professores que apoiavam o trabalho e também através do trabalho em díade, que caracterizou sempre o trabalho desenvolvido ao longo dos períodos de estágio.

Penso que o trabalho de pesquisa, que integra esta segunda parte do relatório final de mestrado, foi uma mais valia para mim enquanto futura educadora/professora pois fez com que agisse tendo em conta uma prática pedagógica reflexiva e interventiva. A adequação das práticas deve ter sempre em conta as necessidades do grupo de crianças/alunos para melhor desenvolverem as suas capacidades e adquirirem aprendizagens significativas. Uma postura reflexiva produzirá ou melhorará sempre conhecimentos profissionais e beneficiará, como consequência, o aluno, o maior dos objetivos da intervenção educativa.

Todo o trabalho desenvolvido foi sem qualquer dúvida um meio para a progressão individual e para “levar na bagagem” mais e mais aprendizagens, sejam profissionais sejam pessoais. A reflexão foi o mais relevante meio para a condução do meu trabalho, para com isso evoluir positivamente e concomitantemente conseguir chegar às exigências do grupo de alunos com quem estava a trabalhar.

Com este estudo consegui perceber que ainda existe um grande trabalho a realizar no que diz respeito às questões de género.

As desigualdades de género ainda são um pouco visíveis no trabalho dos professores que, mesmo involuntariamente, ainda fazem algumas diferenciações no seu dia-a-dia.

Desde sempre fomos educados com a ideia de que existem tarefas de mulher e tarefas de homem e desta forma ainda se retrata um pouco isso nas nossas escolas.

Através das entrevistas que realizei notei que os professores tentam colmatar essas diferenças e tentam muitas vezes transmitir aos seus alunos que não existem diferenças de meninos e meninas, mas na prática ainda notamos que os mesmos fazem algumas diferenciações.

Depois de analisar todas as entrevistas notei alguma diferença entre os docentes do 1.º ciclo e os docentes do Pré-Escolar, talvez porque os docentes do Pré-Escolar se encontrem mais vezes em contacto com os alunos no período de recreio, conseguindo dessa forma observar as diferenças existentes e colmatar alguma desigualdade que possa ser observada.

Para os docentes de 1.º ciclo a maioria das brincadeiras de rapazes são ruidosas e violentas, mas a maior parte das atividades de recreio são livres o que faz com que essas mesmas brincadeiras se repitam todos os dias, pois não existe nenhuma orientação no sentido de modificar essa atitude dos meninos.

Este trabalho fez com que aprofundasse os meus conhecimentos relativos às questões de género, e a aprendizagem que posso reter é que é fundamental um professor não fazer diferenciação no que diz respeito às questões de género, de modo a não condicionar o desenvolvimento da criança no que diz respeito à sua questão de género.

É muito importante também que o professor consiga criar, momentos de recreio em que as atividades realizadas pelas crianças não coloquem em causa a sua identidade de género.

Para a realização deste trabalho encontrei diversos obstáculos pela minha frente, nomeadamente na fundamentação teórica, pois encontrei diversas coisas sobre igualdade de género, mas não consegui encontrar nada em que os professores falem sobre esta problemática o que me dificultou bastante o trabalho na análise de dados.

Este estudo foi feito por um grupo muito restrito de docentes e sendo os mesmos da mesma instituição reparei também que muitas respostas foram iguais o que limitou um pouco o meu estudo.

É um caminho que ainda se mostra muito longo, mas que tem evoluído bastante nos últimos tempos.

Para o futuro gostava de fazer um trabalho dentro do mesmo género, mas gostava de fazer mais trabalho de campo com as crianças para poder observar no terreno se ainda existem, ou não diferenças nas suas brincadeiras no que se refere às questões de género.

Bibliografia

- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- Bento, A. V. (Abril de 2012). INVESTIGAÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA: DICOTOMIA OU COMPLEMENTARIEDADE. Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira), nº 64, ano VII (pp. 40-43). ISSN: 1647-8975. .
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos (Coleção Ciências da Educação). Porto: Porto Editora.
- Cardona, M. J., Vieira, C., Uva, M., & Tavares, T. C. (2010). Guião de Educação - Género e Cidadania - Pré-escolar. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
- Cristina Vieira, C. N. et al. (2009). Guião de Género e Cidadania. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2007): "A Igualdade de Género em Portugal", Lisboa: CIG.
- Couto, M. (2011). O Recreio Escolar como o Promotor de Atividade Física: Um Estudo com Crianças do 1ºCiclo. Tese de Mestrado, Universidade do Minho.
- Davies, B. (1993). Shards of Glass: Children Reading and Writing Beyond Gendered Identities. Sydney: Allen & Unwin.
- Educação, M. d. (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação.
- Fernandes, d. (1991). resolução de problemas e avaliação. Universidade de Aveiro: Actas do 2.º Encontro Nacional de Didáticas e metodologias de Ensino.
- Ferreira, M. (2004). A gente gosta é de brincar com os outros meninos! Relações sociais entre crianças num jardim de infância. Porto: Edições Afrontamento.
- Hohmann, M., & Weikart, P. (2011). Educar a criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jack, L. e James, F. (2004): "Estatísticas para as Ciências Humanas. São Paulo: Editora Pearson.
- Lopes, L. (2006). Actividade física, recreio escolar e desenvolvimento motor. Estudo exploratório em crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico. Dissertação apresentada a prova de mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Marques, A. (2000). Espaço de Jogo e Desenvolvimento da Criança: Estudo da Variação de Recreios Escolares e os Comportamentos Anti-Sociais em Crianças do 1º Ciclo. Tese de Mestrado. Não publicada. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). "O estudo de caso como estratégia de investigação em educação". EDUSER: revista de educação, Vol 2 (2). Instituto Politécnico de Bragança: Escola Superior de Educação. (pp.49,60).

Mesquita, A. (2010). Actividades Lúdicas das Crianças do 1ºC.E.B no Recreio Escolar e a sua Importância para a Actividade Física, Segundo o Género e o IMC. Tese de Mestrado, Universidade do Porto.

Moyles, Janet R. (2002).” Só brincar? O papel do brincar na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed.

Oakley, A. (1972). Sex, gender and society. Aldershot: Arena: published in association with New Society

Pellegrini, A., Smith, P. (1993). School recess: Implications for education and development. Educational Research, 63(1), (pp.51-67).

Pereira, A., Neto, C., Smith, P. (2003). Os Espaços de Recreio e a Prevenção do” Bullying” na Escola. In Neto, C. (Ed.). Jogo e Desenvolvimento da Criança (pp.178-205). Lisboa: Edições FMH.

Portugal, G. (2008): Desenvolvimento e Aprendizagem na Infância, Relatório do Estudo. “A Educação das crianças dos 0 aos 12 anos”. Disponível em <http://www.cnedu.pt/files/ESTUDO.pdf>

Silva, Manuela (1999) “ A Igualdade de Género: Caminhos e atalhos para uma sociedade inclusiva. Lisboa: Comissão para a Igualdade e Para os Direitos das Mulheres

Trigueiros, T. A. Et al., (1999). “Identidade e Género na Prática Educativa”, Cadernos Coeducação. Lisboa: Comissão para a Igualdade e os Direitos das Mulheres

Anexos

Anexo 1- Guião das Entrevistas

Quadro da Estrutura do Guião de entrevistas aos Docentes

<i>Blocos</i>	<i>Objetivos Específicos</i>	<i>Questões</i>
Bloco I - Perfil do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> ○ Caracterizar o sujeito ○ Conhecer o seu percurso académico e profissional ○ Conhecer o contexto atual 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que idade tem? 2. Qual o seu tempo de serviço? 3. Quais as suas habilitações académicas? 4. Em que contexto se encontra a lecionar? Se for em 1º Ciclo do Ensino Básico, qual o nível de escolaridade que dirige?
Bloco II - Posição do entrevistado em relação à temática	<ul style="list-style-type: none"> ○ Compreender a atitude dos entrevistados em relação à temática 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Verifica que existe brincadeiras de meninos e meninas no recreio? Se sim, quais? 2. Quais as idades que verifica uma maior diferença nessas brincadeiras? 3. Porque acha que isso acontece? 4. No recreio, predominam atividades livres ou atividades orientadas? 5. Existem pequenos grupos que, habitualmente, se organizam de forma espontânea dentro do grande grupo? 6. Esses grupos são mistos, constituídos por rapazes e raparigas? Ou estão relacionados com as diferentes idades?

		7. Os grupos criados na sala mantêm-se no recreio?
<p>Bloco III - Princípios Pedagógicos</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Analisar os valores e princípios pedagógicos que os entrevistados promovem 	<p>7. Os grupos criados na sala mantêm-se no recreio?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como caracteriza o recreio em termos gerais e em termos de género? 2. Em média, quanto tempo é que as crianças passam no recreio? 3. Nesse tempo, estão sob vigilância da educadora ou da auxiliar? 4. Nota se existem diferenças nas atividades feitas pelas raparigas e pelos rapazes? Se sim, quais? 5. Promove brincadeiras que englobem meninos e meninas sem fazendo qualquer tipo de diferenciação? 6. Quais as estratégias utilizadas? 7. Acha que, mesmo inconscientemente, age ou possui atitudes que possam revelar às crianças essa diferenciação entre os meninos e as meninas?
<p>Bloco IV – Sugestões</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Recolher possíveis sugestões sobre o tema na perspectiva dos inquiridos 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tem algumas sugestões a fazer para que se possa melhorar a nossa ação sobre essa questão?

Anexo 2- Quadro de Análise de Respostas

Quadro de análise das entrevistas realizadas aos docentes do 1.º ciclo

Blocos	Questões	Professor 1	Professor 2	Professor 3
Bloco I - Perfil do entrevistado	<p>1-Que idade tem?</p> <p>2- Sexo</p> <p>3-Qual o seu tempo de serviço?</p> <p>4-Quais as suas habilitações académicas?</p> <p>5-Em que contexto se encontra a lecionar? Se for em 1º Ciclo do Ensino Básico, qual o nível de escolaridade que dirige?</p>	<p>1- 40 anos</p> <p>2- Masculino</p> <p>3- 14 anos</p> <p>4- Licenciatura</p> <p>5- 1.º ciclo- 2.º ano</p>	<p>1- 40 anos</p> <p>2- Feminino</p> <p>3- 20 anos</p> <p>4- Licenciatura</p> <p>5- 1.º ciclo – 1.º ano</p>	<p>1- 49 anos</p> <p>2- Feminino</p> <p>3- 23 anos</p> <p>4- Licenciatura</p> <p>5- 1.º ciclo- 3.º e 4.º anos</p>
Bloco II - Posição do entrevistado em relação à temática	<p>1- Verifica que existe brincadeiras de meninos e meninas no recreio? Se sim, quais?</p> <p>2- Quais as idades que verifica uma maior diferença nessas brincadeiras?</p> <p>3 -Porque acha que isso acontece?</p> <p>4- No recreio, predominam atividades livres ou atividades orientadas?</p> <p>5- Existem pequenos grupos que, habitualmente, se organizam de forma espontânea dentro do grande grupo?</p> <p>6- Esses grupos são mistos, constituídos por rapazes e raparigas? Ou estão relacionados com as diferentes idades?</p> <p>7- Os grupos criados na sala mantêm-se no recreio?</p>	<p>1- Sim, apanhada; macaquinho do chinês; futebol; luta</p> <p>2- Entre os 8 e os 10 anos</p> <p>3- Talvez porque os mais novos ainda não perceberam o objetivo dos jogos e depois não querem brincar.</p> <p>4- Atividades livres e orientadas pelas auxiliares.</p> <p>5- Sim.</p> <p>6- São mistos e dentro da mesma idade.</p> <p>7- Não, misturam-se.</p>	<p>1- Existem brincadeiras diferentes entre meninos e meninas. As meninas gostam de brincar com bonecas, imitar os adultos, enquanto que os rapazes optam por jogar futebol ou simular lutas.</p> <p>2- Após os 8 anos de idade</p> <p>3- Porque definem a personalidade começam a ter gostos pessoais ou por imitação aos seus "ídolos"</p> <p>4- Predominam atividades livres do gosto dos alunos.</p> <p>5- Sim. Os alunos agrupam-se de acordo com as amizades e preferências por brincadeiras.</p> <p>6- Na maior parte dos casos os grupos são apenas de</p>	<p>1- Sim, existem brincadeiras diferenciadas entre meninos e meninas.</p> <p>Os meninos jogam futebol e simulam lutas, enquanto que as meninas gostam de brincar com bonecas e fazem alguns jogos.</p> <p>2- Após os 8 anos de idade.</p> <p>3- Porque é nessa altura que definem a personalidade e começam a revelar gostos muito pessoais</p> <p>4- Predominam atividades de caráter livre de acordo com os gostos pessoais de cada aluno.</p> <p>5- Sim, os alunos agrupam-se de acordo com as amizades, os anos de escolaridade e preferências por brincadeiras.</p>
			<p>raparigas ou rapazes, mas também se verificam exceções existindo grupos mistos.</p> <p>7- Não.</p>	<p>6- Na grande maioria dos casos os grupos são ou de rapazes ou de raparigas, contudo também se verificam algumas exceções, existindo grupos mistos.</p> <p>7- Não.</p>
Bloco III - Princípios Pedagógicos	<p>1- Como caracteriza o recreio em termos gerais e em termos de género?</p> <p>2- Em média, quanto tempo é que as crianças passam no recreio?</p> <p>3-Nesse tempo, estão sob vigilância da educadora ou da auxiliar?</p> <p>4- Nota se existem diferenças nas atividades feitas pelas raparigas e pelos rapazes? Se sim, quais?</p> <p>5- Promove brincadeiras que englobem meninos e meninas sem fazendo qualquer tipo de diferenciação?</p> <p>6- Quais as estratégias utilizadas?</p> <p>7- Acha que, mesmo inconscientemente, age ou possui atitudes que possam revelar às crianças</p>	<p>1- O recreio é um local de lazer e descompressão do tempo que estão fechados na sala de aula.</p> <p>2- As crianças passam 1h30 por dia.</p> <p>3- Sim, estão sob a vigilância de várias auxiliares e professores.</p> <p>4- Não, neste momento acho que não.</p> <p>5- Predominam atividades de caráter livre de acordo com os gostos pessoais de cada aluno</p> <p>6- A estratégia é não diferenciar rapariga de rapaz, incentivá-los a participar.</p>	<p>1- As brincadeiras no recreio estão normalmente organizadas por grupos de género e na maioria são ruidosas e agressivas.</p> <p>2- Diariamente 1h (30min durante a manhã e 30min à tarde)</p> <p>3- Vigilância das técnicas e de um professor por dia.</p> <p>4- As atividades dos meninos são mais agressivas e ruidosas.</p> <p>5- Sempre.</p>	<p>1- As brincadeiras no recreio estão quase sempre organizadas por grupos de género, sendo na sua maioria ruidosas e agressivas.</p> <p>2- Diariamente 1 hora (30 minutos durante o intervalo da manhã e outros 30 minutos à tarde)</p> <p>3- Nesse tempo de intervalo estão sob vigilância das técnicas (assistentes operacionais) e de um professor por dia.</p>

	essa diferenciação entre os meninos e as meninas?	7- Não, claro que não.	6- Fazer grupos equilibrados em gênero, capacidades, participação, entre- ajuda... 7- Não.	4- As atividades praticadas pelos meninos são mais ruidosas, tornando-se por vezes agressivas sendo necessário a intervenção do adulto vigilante. 5- Sempre 6- Fazendo grupos equilibrados em gênero, capacidades, participação, entre- ajuda. 7- Não.
Bloco IV – Sugestões	1-Tem algumas sugestões a fazer para que se possa melhorar a nossa ação sobre essa questão?	1- (Não respondeu)	1- Existem monitores para dinamizar atividades nos recreios.	1- Haver monitores para dinamizar algumas atividades nos recreios.

Quadro de análise das entrevistas realizadas às docentes da Educação Pré-Escolar

Blocos	Questões	Educadora 1	Educadora 2
Bloco I - Perfil do entrevistado	1-Que idade tem? 2- Sexo 3-Qual o seu tempo de serviço? 4-Quais as suas habilitações académicas? 5-Em que contexto se encontra a lecionar? Se for em 1º Ciclo do Ensino Básico, qual o nível de escolaridade que dirige?	1- 46 anos 2- Feminino 3- 20 anos 4- Licenciatura 5- Pré-Escolar- sala dos 4 anos	1- 38 anos 2- Feminino 3- 10 anos 4- Licenciatura 5- Pré-Escolar- sala dos 4 anos
Bloco II - Posição do entrevistado em relação à temática	1- Verifica que existe brincadeiras de meninos e meninas no recreio? Se sim, quais? 2- Quais as idades que verifica uma maior diferença nessas brincadeiras? 3- Porque acha que isso acontece? 4- No recreio, predominam atividades livres ou atividades orientadas? 5- Existem pequenos grupos que, habitualmente, se organizam de forma espontânea dentro do grande grupo? 6- Esses grupos são mistos, constituídos por rapazes e raparigas? Ou estão relacionados com as diferentes idades? 7- Os grupos criados na sala mantêm-se no recreio?	1- Não existem diferenças 2- (não respondeu) 3- (não respondeu) 4- Umhas vezes livres, outras vezes orientadas 5- Sim, para partilharem brincadeiras comuns ao grupo 6- Os grupos são mistos 7- Nem sempre, por vezes procuram outros pares sem serem os mesmos das brincadeiras da sala.	1- Sim, brincam aos médicos e professores e os meninos às lutas, imitando figuras dos desenhos animados. 2- entre os 4 e 5 anos 3- acho que os desenhos animados para os meninos são mais agitados e os das meninas mais tranquilos. 4- Existem atividades livres e orientadas mediante a altura do dia, pois as crianças necessitam de atividades livres e desenvolverem a sua criatividade. 5- sim, normalmente existem pequenos grupos, os quais brincam sempre com os mesmos meninos e preferem brincadeiras mais calmas. 6- sim. 7- não
Bloco III - Princípios Pedagógicos	1- Como caracteriza o recreio em termos gerais e em termos de género?	1- O recreio está em remodelação, no entanto as crianças usufruem de um espaço do jardim, não muito apropriado.	1- O recreio é uma zona, onde as crianças brincam livremente sem ultrapassarem o espaço que nós definimos, pois o jardim

	2- Em média, quanto tempo é que as crianças passam no recreio? 3- Nesse tempo, estão sob vigilância da educadora ou da auxiliar? 4- Nota se existem diferenças nas atividades feitas pelas raparigas e pelos rapazes? Se sim, quais? 5- Promove brincadeiras que englobem meninos e meninas sem fazendo qualquer tipo de diferenciação? 6- Quais as estratégias utilizadas? 7- Acha que, mesmo inconscientemente, age ou possui atitudes que possam revelar às crianças essa diferenciação entre os meninos e as meninas?	2- Quando o tempo está bom passam em média 2 horas por dia. 3- Por vezes estão sob vigilância das duas, educadora e auxiliar, outras vezes estão sob vigilância só da auxiliar. 4- Não se notam diferenças nessas atividades. 5- Claro que sim. As brincadeiras feitas são comuns aos dois sexos. 6- (não respondeu) 7- Não	não se encontra vedado e temos que estar em constante atenção. 2- cerca de duas horas diárias, mediante a tempo. Nos dias de sol passam mais tempo, pois quando chove não temos hipótese de as levar, pois não temos recreio coberto. 3- Sim 4- Não 5- Sim 6- Realizo jogos onde todos podem participar sem diferenciações e sem eliminação. 7- não
Bloco IV - Sugestões	1-Tem algumas sugestões a fazer para que se possa melhorar a nossa ação sobre essa questão?	1- As atividades feitas com as crianças desta idade (4 anos) e com as restantes idades, não poderá ter diferenciação pois as crianças partilham os mesmos gostos.	1- Na minha opinião Acho que as crianças necessitam de ar livre, de correrem e brincarem livremente. Os profissionais devem proporcionar momentos que possam ir mais ao exterior, como piqueniques, passeios ao parque, uma simples volta ficam felizes.]

Anexo 3- Quadro das Categorias

Quadro de categorias dos docentes do 1.º Ciclo

Categorias	Subcategorias	Respostas
Perspetiva dos docentes das representações das brincadeiras dos meninos e meninas	Brincadeiras de Meninos	Professor 2: "Jogar futebol ou Simular Lutas" Professor 3: " Os meninos Jogam Futebol e simulam lutas"
	Brincadeiras de Meninas	Professor 2: "As meninas gostam de brincar com bonecas, imitar os adultos (...)" Professor 3: "{(...)} as meninas gostam de brincar com bonecas e fazem alguns jogos."
	Porque é que existem diferenças nas brincadeiras	Professor1: "Talvez porque os mais novos ainda não perceberam os objetivos dos jogos e depois não querem brincar." Professor 2: "Porque definem personalidade e começam a ter gostos pessoais ou por imitação aos seus "ídolos"." Professor3: "porque é nessa altura que definem a personalidade e começam a revelar gostos muito pessoais."
Identificação das atividades das crianças predominantes no recreio;	Atividades livres ou atividades orientadas	Professor 1: "Atividades livres e orientadas pelas auxiliares" Professor 2: "Predominam atividades livres do gosto dos alunos" Professor 3: "Predominam atividades de caráter livre de acordo com os gostos pessoais de cada aluno."
	Existência de diferenças nas brincadeiras de recreio	Professor 1: "Não, neste momento acho que não." Professor 2: "As atividades dos meninos são mais agressivas e ruidosas." Professor 3: "As atividades praticadas pelos meninos são mais ruidosas, tornando-se por vezes agressivas sendo necessário a intervenção do adulto vigilante."
Atitudes dos docentes face às questões de género no recreio		Professor 1: "A estratégia é não diferenciar rapariga de rapaz, incentivá-los a participar." Professor 2: "Fazer grupos equilibrados em género, capacidades, participação, entre-ajuda..." Professor 3: "Fazendo grupos equilibrados em género, capacidades, participação, entre-ajuda."
Sugestões para promover a igualdade de género no recreio	Não responde	Professor 1

Quadro de categorias dos docentes do Pré- Escolar

Categorias	Subcategorias	Respostas
Perspetiva dos docentes das representações das brincadeiras dos meninos e meninas	Brincadeiras de Meninos	Educadora 1: "Não existem diferenças" Educadora 2: " (...) às lutas, imitando figuras dos desenhos animados."
	Brincadeiras de Meninas	Educadora 1: "Não existem diferenças" Educadora 2: "{(...)} brincam aos médicos e professores"
	Porque é que existem diferenças nas brincadeiras	Educadora 1: " Não existem diferenças" Educadora 2: "Acho que os desenhos animados para os meninos são mais agitados e os das meninas mais tranquilos"
Identificação das atividades das crianças predominantes no recreio;	Atividades livres ou atividades orientadas	Educadora 1: " Uma vez livres, outras vezes orientadas." Educadora 2: "Existem Atividades livres e orientadas, mediante a altura do dia, pois as crianças necessitam de atividades livres para desenvolverem a sua criatividade"
	Existência de diferenças nas brincadeiras de recreio	Educadora 1: "Não se notam diferenças nessas atividades." Educadora 2: " Não."
Atitudes dos docentes face às questões de género no recreio		Educadora 1: "As brincadeiras feitas são comuns aos dois sexos." Educadora 2: ". Realizo jogos onde todos possam participar, sem diferenciações e sem eliminações."
Sugestões para promover a igualdade de género no recreio		Educadora 1: "As atividades feitas com as crianças desta idade (4 anos) e com as restantes idades, não poderá ter diferenciação pois as crianças partilham os mesmos gostos." Educadora 2: ". Na minha opinião, acho que as crianças necessitam de ar livre, de correrem e brincarem livremente. Os profissionais devem proporcionar momentos que possam ir mais ao exterior, como piqueniques, passeios ao parque, uma simples volta ficam felizes."

